



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**ANA BEATRIZ DA COSTA LEMES**

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PERCEPÇÃO DE CONFLITOS  
INTERNACIONAIS: CRISE DOS REFUGIADOS DA SÍRIA (2019-2022)**

Porto Nacional/TO  
2024

**ANA BEATRIZ DA COSTA LEMES**

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PERCEPÇÃO DE CONFLITOS  
INTERNACIONAIS: CRISE DOS REFUGIADOS DA SÍRIA (2019-2022)**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT -  
Universidade Federal do Tocantins - Campus  
Universitário de Porto Nacional, Curso de Relações  
Internacionais para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Jan Marcel Lacerda

Porto Nacional/TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

L552i Lemes, Ana Beatriz da Costa.

A influência da mídia na percepção de conflitos internacionais: crise dos refugiados da síria (2019-2022). / Ana Beatriz da Costa Lemes. – Porto Nacional, TO, 2024.

59 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Relações Internacionais, 2024.

Orientador: Jan Marcel Lacerda

1. Conflitos internacionais. 2. Crise dos refugiados sírios. 3. Diplomacia midiática. 4. Percepção pública. I. Título

**CDD 320**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

ANA BEATRIZ DA COSTA LEMES

## **A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PERCEPÇÃO DE CONFLITOS INTERNACIONAIS: CRISE DOS REFUGIADOS DA SÍRIA (2019-2022)**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Relações Internacionais para obtenção do título de Bacharel e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Jan Marcel de Almeida Freitas Lacerda

---

Prof. Dr. Murilo Mesquita Melo e Silva

---

Prof. Dr. Ítalo Beltrão Sposito

Porto Nacional, 2024

*Dedico esse TCC para minha família que sempre me ajudou nos momentos mais difíceis da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus primeiramente, sem ele na minha vida eu não conseguiria. Seguidamente, a todos aqueles que me apoiam e torcem pelo meu sucesso e felicidade. Em especial, sou grata pelo meu pai e meus pais adotivos, Cassius, Victor e Tatiane. Obrigada por sempre estarem presentes, pelo amor e carinho, pelo suor e esforço para eu conseguir finalizar o curso e por sonharem junto comigo.

Agradeço de coração às minhas tias, especialmente a tia Ângela por sempre ter conversado comigo em meus momentos de ansiedade.

Agradeço aos meus amigos, por terem deixado a trajetória da faculdade mais leve e até mesmo na fase de TCC em meio ao desespero conseguimos superar.

Agradeço também ao meu orientador, Professor Jan, que teve bastante paciência e empenho no auxílio do desenvolvimento deste trabalho, muito obrigada!

## RESUMO

Este estudo investiga a influência da mídia na percepção dos conflitos internacionais, com foco na crise dos refugiados sírios entre 2011 e 2021. A guerra civil na Síria desencadeou um dos maiores deslocamentos populacionais do mundo, afetando milhões de pessoas dentro e fora do país. Os refugiados sírios enfrentam condições adversas, incluindo pobreza extrema e falta de recursos básicos. A crise tem repercussões globais, envolvendo governos, organizações internacionais e humanitárias. Este estudo adota a teoria da "Diplomacia da Mídia" de Gilboa (1987), a teoria do Framing de Entman (1993) e a teoria do modelo de comunicação de Diodato (2003), examinando como a mídia molda a percepção pública dos conflitos, influenciando as decisões políticas e as relações internacionais. O estudo de caso procura responder como a mídia influenciou a percepção pública sobre a crise de refugiados da Síria ao longo de uma década, utilizando análise temporal e fontes confiáveis para garantir a precisão dos resultados de que a mídia tem o potencial de desempenhar um papel positivo na educação do público e na promoção de soluções para o problema da crise, mas também pode contribuir para a polarização, a desinformação e a exploração sensacionalista.

**Palavras-chaves:** mídia, conflitos internacionais, crise dos refugiados sírios, diplomacia midiática, percepção pública.

## ABSTRACT

This study investigates the influence of the media on the perception of international conflicts, focusing on the Syrian refugee crisis between 2011 and 2021. The civil war in Syria triggered one of the largest population displacements in the world, affecting millions of people inside and outside the country. Syrian refugees face adverse conditions, including extreme poverty and a lack of basic resources. The crisis has global repercussions, involving governments, international and humanitarian organizations. This study adopts Gilboa's (1987) "Media Diplomacy" theory, Entman's (1993) Framing theory, and Diodato's (2003) communication model theory, examining how the media shapes public perception of conflicts, influencing political decisions and international relations. The case study seeks to answer how the media has influenced public perception of the Syrian refugee crisis over a decade, using temporal analysis and reliable sources to ensure the accuracy of the results that the media has the potential to play a positive role in educating the public and promoting solutions to the problem of the crisis, but it can also contribute to polarization, misinformation and sensationalist exploitation.

**Keywords:** media, international conflicts, Syrian refugee crisis, media diplomacy, public perception.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1-GRÁFICO DE BARRAS COM O NÚMERO DE REFUGIADOS SÍRIOS.

FIGURA 2-GRÁFICO DE LINHAS COM A EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE REFUGIADOS SÍRIOS.

TABELA 1- PRINCIPAIS GRUPOS ENVOLVIDOS NO CONFLITO SÍRIO.

FIGURA 3- DIAGRAMA SOBRE O MODELO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA INTERNACIONAL DE EMIDIO DIODATO.

FIGURA 4- GRÁFICO DE BARRAS COM A COMPARAÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS.

FIGURA 5-COMPARAÇÃO ENTRE AS REFERÊNCIAS AO OSDHE ONU POR GRUPO DE MÍDIA - 2011 A 2015.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UE	União Europeia
3RP	Plano Regional de Resposta e Resiliência a Refugiados
EUAA	Agência da União Europeia para o Asilo
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ONGs	Organizações Não Governamentais
CNN	Cable News Network
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
3RP	Plano de Resposta e Resiliência dos Refugiados Sírios
ONU	Organização das Nações Unidas
OSDH	Observatório Sírio dos Direitos Humanos
ELS	Exército Livre da Síria
EI	Estado Islâmico
SECA	Sistema Europeu Comum de Asilo

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. ANÁLISE DO CONFLITO SÍRIO .....	15
3. IMPACTO DA MÍDIA NA SÍRIA E O “EFEITO CNN” .....	24
3.1. O PAPEL DA MÍDIA NA CRISE DOS REFUGIADOS SÍRIOS.....	24
3.2. ANÁLISE DE COMO A MÍDIA MOLDOU A NARRATIVA DO CONFLITO .....	28
3.3. EFEITOS DA COBERTURA MIDIÁTICA NAS RESPOSTAS POLÍTICAS.....	38
4. IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA PERCEPÇÃO PÚBLICA NA GUERRA DA SÍRIA E A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS .....	44
4.1. INFLUÊNCIA DA PERCEPÇÃO PÚBLICA NAS DECISÕES POLÍTICAS E NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	44
4.2. A MÍDIA COMO ATOR NO CENÁRIO INTERNACIONAL .....	46
5. CONCLUSÃO: A GUERRA DA SÍRIA E A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS .	52
REFERÊNCIAS .....	55

## 1. INTRODUÇÃO

A guerra civil na Síria, iniciada em 2011, transformou-se em uma das crises humanitárias mais graves do século XXI. Esse conflito não apenas devastou o país, mas também provocou um deslocamento massivo da população, resultando em mais de 6,6 milhões de refugiados e aproximadamente 6,7 milhões de deslocados internos até 2021. Diante desse cenário de crise, a mídia emergiu como um ator central, moldando a percepção pública e influenciando significativamente as respostas políticas e humanitárias globais.

Este trabalho explora como a mídia influenciou a percepção pública da crise dos refugiados sírios e as respostas dos governos ocidentais entre 2011 e 2021. A cobertura midiática, ao enquadrar narrativas específicas, impactou diretamente a forma como os refugiados foram vistos: ora como vítimas necessitadas, ora como ameaças potenciais à segurança nacional e à estabilidade social (Bennett, 2020). Essa dualidade nas representações midiáticas gerou respostas políticas diversas, que variaram de políticas de acolhimento humanitário a restrições migratórias severas.

Os objetivos deste estudo são: Analisar como diferentes veículos de mídia enquadraram a crise dos refugiados sírios ao longo da última década, examinar a influência dessa cobertura na formação da opinião pública e nas políticas de acolhimento e segurança adotadas por governos ocidentais e investigar a eficácia das "cosmetic responses" dos governos, avaliando se as ações tomadas foram substantivas ou meramente simbólicas em resposta à pressão midiática.

A influência da mídia na percepção de crises internacionais é uma área de crescente importância em Relações Internacionais, dado o papel central da mídia na formação da opinião pública e na pressão sobre políticas governamentais. Entender como a mídia molda as narrativas sobre crises humanitárias e seus impactos nas políticas públicas fornece insights valiosos para a formulação de respostas mais eficazes e humanitárias.

O papel da mídia na formação da opinião pública e nas respostas políticas em crises humanitárias é amplamente estudado através de teorias de comunicação como o Agenda-Setting e o Framing. A teoria do Agenda-Setting, desenvolvida por McCombs e Shaw (1972), sugere que a mídia não apenas informa, mas também molda a agenda pública ao destacar certos temas e ignorar outros. No contexto de crises, essa teoria explica como a atenção dada pela mídia a determinadas questões

pode influenciar as prioridades do público e, conseqüentemente, as respostas políticas.

Complementando essa abordagem, a teoria do Framing de Entman (1993) foca na forma como a mídia constrói e apresenta a informação. Segundo essa teoria, a maneira como as notícias são enquadradas afeta a interpretação e a percepção do público sobre os eventos. Em crises humanitárias, o framing pode moldar a imagem dos refugiados, apresentando-os como vítimas necessitadas de ajuda ou como ameaças à segurança nacional, impactando diretamente as respostas políticas e públicas.

Além disso, Gilboa (1987) explora o conceito de Media Diplomacy, onde a mídia age como um mediador em crises internacionais, influenciando não apenas a opinião pública, mas também as políticas governamentais através da pressão pública. Isso se relaciona com o fenômeno do CNN Effect, discutido por Robinson (2002), que descreve como a cobertura televisiva intensiva pode forçar os governos a agirem rapidamente em resposta a crises humanitárias.

Para entender a influência da mídia nas crises internacionais, é essencial considerar as principais teorias de Relações Internacionais. Realismo, Liberalismo e Construtivismo fornecem diferentes perspectivas sobre como a mídia pode afetar as políticas externas e as respostas humanitárias.

Morgenthau (1948), um proeminente teórico realista, argumenta que os Estados são motivados principalmente por interesses de poder e segurança. Nesta perspectiva, a mídia pode influenciar as políticas externas ao moldar percepções de ameaças e oportunidades, impactando as estratégias de segurança nacional. Em contraste, o Liberalismo enfatiza a cooperação internacional e o papel das instituições globais. Keohane e Nye (1977) destacam que a mídia pode facilitar a cooperação internacional ao aumentar a transparência e pressionar os governos a responderem às expectativas públicas e normativas.

Por outro lado, o Construtivismo de Wendt (1992) sugere que a mídia ajuda a construir a realidade social e as identidades nacionais através da narrativa e do discurso. Esta abordagem considera como as representações midiáticas podem influenciar a construção de identidades e percepções culturais sobre os refugiados, afetando as políticas de acolhimento e integração (Hopf, 1998).

A interação entre mídia e política é ainda mais complexa no contexto das Media Diplomacy e do CNN Effect. Gilboa (1987) explica que a mídia age como um ator diplomático, influenciando negociações e intervenções internacionais. O CNN Effect, discutido por Robinson (2002), descreve como a cobertura extensiva e sensacionalista da televisão pode acelerar a intervenção governamental em crises humanitárias ao mobilizar a opinião pública e pressionar os líderes políticos a tomar ações imediatas.

Esses conceitos são ilustrados por eventos como a intervenção militar na Somália na década de 1990, onde a intensa cobertura midiática sobre a fome e a guerra civil pressionou o governo dos Estados Unidos a agir rapidamente. Em crises contemporâneas, como a dos refugiados sírios, a cobertura midiática influenciou significativamente as políticas de acolhimento e as atitudes públicas, mostrando como a mídia pode servir como catalisador para a ação política em contextos humanitários.

A mídia também utiliza técnicas de propaganda e persuasão para moldar as narrativas sobre crises. Ellul (1965) discute como a propaganda pode ser usada para manipular a opinião pública e promover agendas políticas. Em crises humanitárias, essas técnicas podem ser usadas para construir uma imagem positiva ou negativa dos refugiados, afetando a resposta política e a solidariedade pública.

Jowett e O'Donnell (2012) enfatizam que a propaganda moderna utiliza uma combinação de símbolos, narrativas e visuais para influenciar a percepção pública. Na crise dos refugiados sírios, por exemplo, a cobertura da mídia ocidental muitas vezes usou imagens chocantes e narrativas emotivas para atrair a atenção do público e moldar suas atitudes em relação aos refugiados.

Em resumo, as teorias de comunicação e mídia, juntamente com as teorias das Relações Internacionais, fornecem uma base sólida para entender como a mídia influencia a percepção pública e as respostas políticas em crises humanitárias. O Agenda-Setting, o Framing, o Media Diplomacy, o CNN Effect, e as técnicas de propaganda e persuasão são conceitos-chave que explicam a dinâmica entre mídia e política. Essas teorias serão aplicadas ao longo deste estudo para analisar como a mídia moldou a percepção da crise dos refugiados sírios e influenciou as políticas de acolhimento e segurança adotadas por governos ocidentais.

## 2. ANÁLISE DO CONFLITO SÍRIO

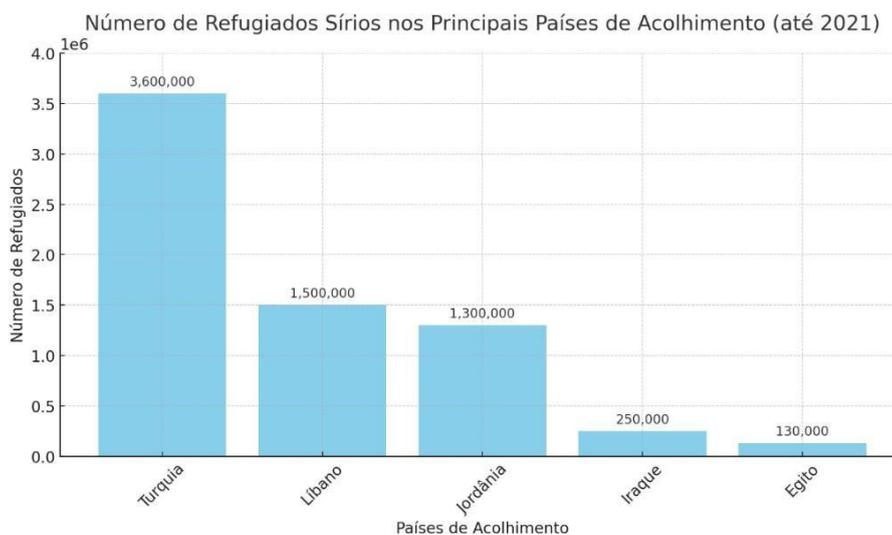
A guerra civil na Síria, que começou em 2011, é uma das crises humanitárias mais devastadoras do século XXI, com profundas consequências políticas, sociais e humanitárias. O conflito teve suas raízes na Primavera Árabe, um movimento que começou em 2010 e se espalhou pelo Oriente Médio e Norte da África, exigindo reformas democráticas e a derrubada de regimes autocráticos (Lynch, 2014).

Na Síria, os protestos começaram pacificamente em março de 2011, inspirados pelas revoltas em países vizinhos. Os manifestantes exigiam reformas políticas, o fim da corrupção e a liberalização do regime de Bashar al-Assad. A resposta brutal do governo, que usou força militar para reprimir os protestos, levou a uma escalada da violência, resultando em um conflito armado entre as forças governamentais e diversos grupos de oposição (Phillips, 2016).

Grupos rebeldes surgiram rapidamente, incluindo o Exército Livre da Síria (ELS), e mais tarde, facções extremistas como o Estado Islâmico (EI) e a Frente al-Nusra (afiliada à Al-Qaeda). Essas facções se envolveram em uma complexa teia de alianças e conflitos internos, complicando ainda mais a situação (Lund, 2015). A guerra atraiu a atenção e a intervenção de potências regionais e globais, com Rússia e Irã apoiando o governo de Assad, enquanto os Estados Unidos, Turquia e algumas nações europeias ofereceram apoio variado a grupos rebeldes e curdos.

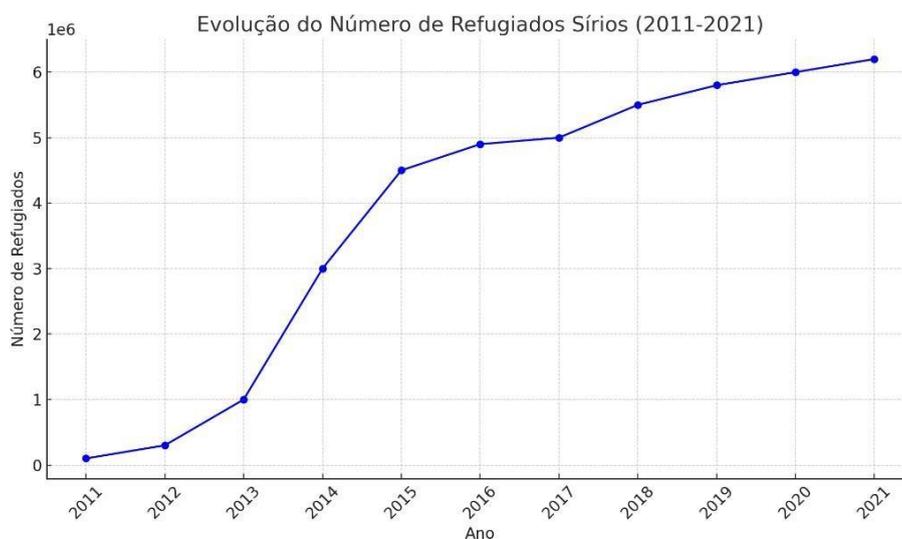
A guerra civil resultou em uma crise humanitária de larga escala. Segundo dados do ACNUR (2021), mais de 6,6 milhões de sírios foram deslocados internamente, enquanto outros 6,7 milhões buscaram refúgio fora do país, principalmente em Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque, Egito e Europa, como vemos nos gráficos abaixo:

Figura 1: Gráfico De Barras Com O Número De Refugiados Sírios



Fonte: criação própria com base nos dados da ACNUR (2021)

Figura 2: Gráfico De Linhas Com A Evolução Do Número De Refugiados Sírios.



Fonte: criação própria com base nos dados da ACNUR (2021)

Este êxodo criou uma das maiores crises de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, sobrecarregando os países de acolhimento e provocando desafios significativos em termos de assistência humanitária e integração. O impacto na população civil tem sido catastrófico, com milhares de mortos, cidades inteiras destruídas, e a infraestrutura básica devastada. O relatório da ONU (2020) destaca as violações generalizadas dos direitos humanos, incluindo uso de armas químicas, bombardeios indiscriminados e tortura. O conflito também exacerbou a pobreza e o desemprego, forçando muitas famílias a viverem em condições extremas.

A resposta internacional à crise síria foi variada e muitas vezes controversa. A ONU e várias ONGs humanitárias lançaram campanhas massivas de assistência, mas enfrentaram desafios devido ao acesso restrito e à insegurança no terreno (ONU, 2016). A resposta dos governos ocidentais incluiu tanto ajuda humanitária quanto intervenções militares limitadas, mas também uma série de políticas migratórias restritivas em resposta ao aumento do fluxo de refugiados (Human Rights Watch, 2015). A União Europeia implementou uma mistura de políticas, desde o acordo com a Turquia para controlar o fluxo de refugiados até a redistribuição de refugiados entre os Estados membros (Comissão Europeia, 2016). No entanto, a eficácia dessas medidas foi frequentemente questionada devido às divisões internas e à capacidade limitada de alguns países em absorver o número de refugiados designados (Parlamento Europeu, 2017).

A cobertura da mídia sobre a crise síria teve um impacto profundo na percepção pública e nas políticas adotadas pelos governos ocidentais. A mídia ocidental inicialmente retratou a guerra civil síria com um foco humanitário, destacando as histórias de sofrimento dos civis e a brutalidade do regime de Assad (Seibt, 2015). No entanto, à medida que a crise se intensificava e o número de refugiados aumentava, a narrativa midiática começou a se diversificar, incluindo representações dos refugiados tanto como vítimas quanto como possíveis ameaças à segurança.

Gilboa (1987) argumenta que a mídia pode atuar como uma diplomata informal, influenciando as negociações e intervenções internacionais através da pressão pública. A teoria do CNN Effect, descrita por Robinson (2002), sugere que a cobertura intensiva da mídia pode forçar os governos a agirem rapidamente em resposta às crises, moldando diretamente as políticas de intervenção. Este efeito foi evidente na resposta à crise dos refugiados sírios, onde imagens e histórias emotivas veiculadas pela mídia ocidental influenciaram significativamente as políticas de acolhimento e as atitudes públicas.

A complexidade da guerra civil na Síria foi exacerbada pela intervenção de atores externos, cada um com seus próprios interesses estratégicos. A Rússia e o Irã forneceram apoio militar e financeiro ao regime de Assad, garantindo sua sobrevivência política e militar. A Rússia, em particular, utilizou a Síria como uma plataforma para reforçar sua influência no Oriente Médio e desafiar a hegemonia ocidental (Lund, 2019).

Por outro lado, os Estados Unidos e seus aliados na OTAN adotaram uma postura mais ambígua, fornecendo apoio limitado a alguns grupos rebeldes enquanto tentavam evitar um envolvimento direto e prolongado no conflito. A intervenção militar dos EUA focou principalmente na luta contra o Estado Islâmico, evitando confrontos diretos com as forças de Assad ou seus aliados (Barnes-Dacey, 2018).

A acolhida e integração dos refugiados sírios nos países ocidentais apresentaram inúmeros desafios. Enquanto alguns países, como a Alemanha, adotaram políticas de portas abertas, muitos outros implementaram restrições severas devido a preocupações com segurança e integração (Collett, 2016). A Turquia, que recebeu o maior número de refugiados, enfrentou uma sobrecarga em seus recursos e infraestrutura, levando a tensões sociais e políticas internas (Kirişci, 2019).

A eficácia das políticas de acolhimento foi amplamente debatida, com críticas destacando que muitas medidas foram mais simbólicas do que substanciais. A Human Rights Watch (2017) argumenta que as respostas dos governos foram frequentemente inadequadas para abordar as necessidades complexas dos refugiados, resultando em marginalização e dificuldades na integração (Human Rights Watch, 2017).

A Síria, conhecida globalmente como uma região instável, é o epicentro da maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial e o maior desastre humanitário desde a Guerra Fria. A República da Síria, que antes estava sob o domínio francês, conquistou sua independência em 1946, gerando uma onda de esperança por um futuro próspero e pacífico (Oliveira, 2010).

No entanto, contrariando todas as expectativas, a independência não trouxe paz nem estabilidade. De 1946 a 1963, durante um período de 17 anos, o país passou por períodos de instabilidade política, com mudanças de governos militares para governos civis e conflitos internos dentro do partido governante até anos após o fim do maior período de instabilidade. Em 1971, Hafez al-Assad assumiu o poder e governou o país até sua morte em 2000. Nesse mesmo ano, seu filho Bashar al-Assad assumiu o poder e continua a liderar o governo sírio até hoje (Davis, 2015).

No início de seu mandato, Bashar al-Assad era visto positivamente pela população como uma oportunidade para criar abertura política e econômica (Oliveira, 2010). No entanto, apesar dessa esperança e visão positiva da mudança no governo do país, o crescimento econômico acabou sendo desigual, pois apenas um grupo específico de pessoas, a elite urbana, foi autorizado a fazer investimentos. Isso

resultou em desigualdades cada vez mais evidentes. Entre 2006 e 2010, a divisão econômica se agravou ainda mais, forçando cerca de 300.000 sírios a se mudarem das áreas rurais para as áreas urbanas em busca de trabalho mais estável e com melhor remuneração (Davis, 2015).

A Primavera Árabe, que começou em 2011, trouxe à tona as instabilidades e fragilidades da Síria, um país governado desde 2000 por Bashar al-Assad, que sucedeu seu pai após um governo de 30 anos (Nações Unidas, 2019). Manifestações pacíficas pedindo democracia e a renúncia do presidente começaram a ocorrer, inspiradas na revolta árabe conhecida como Primavera Árabe. No entanto, a resposta do presidente Bashar al-Assad foi violenta contra aqueles que se opunham ao seu regime (Nações Unidas, 2019).

Este conflito preocupante foi desencadeado pelos protestos da população, que protestava contra o alto desemprego, a corrupção e a falta de liberdade política no país, que começaram em março de 2011 (Nações Unidas, 2019). Isso levou ao surgimento de vários protestos em todo o país, marcando o início oficial da Guerra Civil Síria, um dos conflitos mais mortais do mundo, que até hoje parece não ter fim (Nações Unidas, 2019).

Depois das primeiras manifestações na Síria e da reação internacional à repressão em março de 2011, o governo tomou algumas medidas para tentar dialogar e atender às demandas. A primeira delas, em junho de 2011, foi criar um espaço para a oposição expressar suas posições e demandas de forma pacífica. Embora muitos grupos de oposição de todo o espectro social sírio tenham participado, os organizadores das manifestações se recusaram a participar. Apesar de qualquer controvérsia sobre a eficácia desses encontros, a iniciativa mostrou que a oposição síria não era nem única nem unificada (Oliveira, 2010).

Outras ações do governo em resposta às demandas geradas nessas reuniões e promessas antigas de reformas foram as mudanças na constituição do país, em vigor desde 1973, por meio de um plebiscito no qual mais de 80% dos eleitores participaram. A principal mudança foi no artigo 8, onde o partido Baath era listado como o "partido governante" da nação síria, que foi substituído por uma alternativa democrática (Oliveira, 2010).

Com um crescimento econômico restrito e uma maior divisão na sociedade, milhares de sírios foram forçados a se mudar das áreas rurais para as urbanas, e

muitos saíram do país em busca de uma vida melhor (Davis, 2015). Aqueles que permaneceram no país realizaram manifestações e protestos contra o governo, que se tornaram cada vez mais frequentes.

Em uma tentativa de acalmar os protestos, o governo garantiu que continuaria a manter esforços para as negociações e a criação de diálogos formais para chegar a acordos. No entanto, essas tentativas não resultaram em nada, apenas aumentaram as reações antigoverno (Davis, 2015).

Com a continuação da revolta, o regime sírio anunciou que iria levantar medidas de emergência, libertar prisioneiros políticos e fazer concessões, além de garantir a manutenção de esforços para haver conversas que evoluíssem para diálogos formais. Apesar de todas as medidas anunciadas, isso não impediu a continuação de reações violentas antigoverno. Esta revolta contínua levou a que mais de 300 membros do partido do governo pedissem demissão em abril de 2011, devido ao assalto militar no sul de Dara'a (Davis, 2015).

Apenas três meses após o início do conflito, em junho de 2011, já se contabilizavam cerca de 1.400 pessoas mortas e cerca de 10.000 presas. Nos dois meses seguintes, os assaltos militares começaram a ocorrer em todo o país (Davis, 2015).

Em julho de 2011, foi formado o Exército Livre da Síria (ELS), composto principalmente por civis que deixaram o exército sírio. Estima-se que 40 mil soldados tenham deixado o exército (Nações Unidas, 2019) para formar o que se mantém até hoje como uma das principais oposições ao governo de Bashar al-Assad (Nações Unidas, 2019).

Entre 2011 e 2014, o número de refugiados registrados no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) atingiu 3 milhões em agosto de 2014, em um período de 3 anos. Se combinarmos esse número com o número estimado de deslocados internos, que era entre 6 e 9 milhões de sírios, quase metade da população síria até meados de 2014 havia fugido de suas casas (a população na época era de 22 milhões). Desde 2011 até a data de elaboração do documento, cerca de 200.000 pessoas foram mortas, transformando o conflito em uma guerra civil total (Davis, 2015).

Este conflito ocorre entre os apoiadores do presidente sírio e aqueles que se opõem ao seu regime, com muitos países envolvidos, tornando a situação mais

complexa e difícil de resolver. Esses mesmos países foram acusados de espalhar ódio entre os grupos religiosos da Síria, colocando os xiitas contra os sunitas. Essas divisões permitiram o surgimento de novas rebeliões, como o autoproclamado Estado Islâmico e a Al-Qaeda, aos quais se juntaram os curdos sírios que não conseguiram derrubar o regime de Bashar al-Assad (BBC, 2017).

A Rússia e o Irã apoiam o governo tanto a nível político, econômico e militar, promovendo a diminuição da influência dos Estados Unidos no Oriente Médio e reposicionando seus países no cenário internacional. Com essa intervenção, a Síria ganhou a reconquista de territórios que havia perdido anteriormente (BBC, 2017). Os Estados Unidos da América, a Turquia e a Arábia Saudita apoiam os rebeldes. Outros países ocidentais, como o Reino Unido e a França, apoiam os chamados rebeldes moderados (BBC, 2017).

O controle do país está dividido, onde o regime de Bashar-Al Assad tem controle na cidade de Damasco, a capital do país, e até a data lutava para manter o controle da parte ocidental do país. O controle do resto da nação recai sobre o regime, milícias e grupos extremistas. Isso gerou uma grande divisão esperada na população síria em dois lados: apoiadores do regime e antirregime (Davis, 2015).

Tabela 1: Principais Grupos Envolvidos No Conflito Sírio.

<b>Grupo</b>	<b>Força</b>	<b>Alinhamento</b>	<b>Descrição</b>
Governo Sírio	Pro-Governo	Liderado por Bashar al-Assad, apoiado por Rússia e Irã política, econômica e militarmente.	Fortalecimento econômico e militar.
Rebeldes	Oposição	Formam apoio moderado e outras facções apoiadas pela Turquia e Estados do Golfo.	Apoiam rebeliões militares e estratégicas.
Estado Islâmico	Oposição	Ocupação de regiões de especial interesse nos territórios sírios.	Apoia ataques rebeldes, especialmente nas regiões de noroeste da Síria.
Turquia	Oposição	Apoia facções rebeldes, especialmente nas regiões do norte da Síria.	Apoia economicamente e logisticamente as facções rebeldes.

Arábia Saudita	Oposição	Apoia economicamente e logisticamente as facções rebeldes.	Apoia economicamente e logisticamente as facções rebeldes.
Hezbollah	Pro-Governo	Grupo libanês que fornece apoio militar ao governo sírio.	Fornecem apoio militar e estratégico ao governo sírio.

Fonte: Davis, 2015

A participação dos cidadãos deve-se em grande parte a inúmeros motivos, desde a crença ou porque querem apoiar a família que se encontra em combates, outros evitam qualquer tipo de contato seja com as autoridades do governo ou da oposição. Muitos estão ligados a movimentos não violentos que se opõem ao regime e a grupos de oposição violentos, como é o caso dos grupos jihadistas, enquanto outros fugiram sozinhos ou com suas famílias para outros países/áreas para se sentirem seguros (Davis, 2015).

Em 2020, o Observatório Sírio dos Direitos Humanos estimou que quase 500 mil pessoas morreram na guerra na Síria, incluindo 159.774 civis (OSDH, 2020). A guerra também deslocou internamente cerca de 6,9 milhões de sírios, e outros 3 milhões se tornaram refugiados até 2014 (ACNUR 2022).

Até 2015, já haviam sido registradas mais de 250.000 mortes (Human Rights Watch, 2016). Este número cresceu significativamente com o tempo, atingindo 494.438 mortes até 2021 (OSDH, 2020). Além disso, a ONU classificou o conflito sírio como “a pior catástrofe provocada pelo Homem desde a Segunda Guerra Mundial” em 2017 (ONU Brasil, 2017).

Em relação aos deslocamentos, o número de refugiados sírios registrados pelo ACNUR atingiu 3 milhões em 2014 (ACNUR, 2014). Até 2020, o total de deslocados internos chegou a 6,9 milhões, enquanto mais de 13 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas desde o início do conflito (ACNUR, 2022).

A comunidade internacional tem lutado para responder adequadamente à crise. Apesar dos esforços significativos de organizações humanitárias e países doadores, a assistência continua sendo insuficiente para atender às necessidades crescentes dos refugiados sírios (ACNUR, 2021).

A crise dos refugiados sírios é um lembrete contundente das terríveis consequências humanitárias dos conflitos armados. É crucial que a comunidade

internacional continue a trabalhar para encontrar soluções duradouras para os refugiados sírios e outros deslocados em todo o mundo (ACNUR, 2021).

### **3. IMPACTO DA MÍDIA NA SÍRIA E O “EFEITO CNN”**

Este capítulo examina como a mídia ocidental cobriu a crise dos refugiados sírios entre 2011 e 2021, analisando o impacto dessa cobertura na percepção pública e nas respostas políticas dos governos ocidentais. A análise se baseia na teoria do Enquadramento de Entman (1993), que explora como a mídia constrói narrativas e molda a opinião pública através da seleção e ênfase de certos aspectos de um evento. Além disso, considera-se o conceito de “diplomacia midiática” de Gilboa (1987), que vê a mídia como um ator influente nas relações internacionais.

#### **3.1. O PAPEL DA MÍDIA NA CRISE DOS REFUGIADOS SÍRIOS**

A mídia desempenhou um papel crucial na cobertura da guerra civil síria e da subsequente crise dos refugiados. Inicialmente, a cobertura focou no conflito interno, destacando a brutalidade do regime de Bashar al-Assad e o sofrimento dos civis (Yazgan; Utku; Sirkeci, 2015). À medida que a guerra se intensificava e o fluxo de refugiados aumentava, a narrativa se expandiu para incluir os desafios enfrentados pelos refugiados e a resposta da comunidade internacional.

Nos primeiros anos do conflito, a mídia ocidental retratou os rebeldes sírios como heróis lutando contra um regime opressor (Human Rights Watch, 2017). Esta fase da cobertura foi marcada por um enfoque humanitário, destacando o sofrimento dos civis e a brutalidade das forças governamentais. Reportagens frequentemente apresentavam imagens e histórias de famílias deslocadas, crianças em campos de refugiados e as condições deploráveis enfrentadas pelos refugiados (Human Rights Watch, 2017).

A mídia tem sido uma ferramenta crucial na disseminação de informações sobre essa situação, influenciando significativamente a percepção pública sobre os refugiados. Com o aumento do fluxo de refugiados para a Europa em 2015, a cobertura midiática começou a mudar. Enquanto algumas reportagens continuavam a destacar o sofrimento dos refugiados, outras começaram a enquadrá-los como

potenciais ameaças à segurança e à estabilidade social (Yazgan; Utku; Sirkeci, 2015). Manchetes alarmistas e imagens de multidões de refugiados nas fronteiras europeias passaram a dominar a narrativa, alimentando o medo público e influenciando as políticas de imigração (Human Rights Watch, 2017).

Um relatório do Conselho da Europa e da Agência da União Europeia para o Asilo (EUAA) revela que a cobertura midiática sobre a crise dos refugiados na Europa evoluiu de uma cautelosa tolerância no verão de 2015 para uma onda de solidariedade e humanitarismo em setembro, culminando em uma securitização do debate e uma narrativa de medo em novembro. O documento ressalta que a mídia muitas vezes retrata refugiados e migrantes como um coletivo indistinto de estrangeiros anônimos e sem habilidades, retratados como vulneráveis ou perigosos. Isso contribui para a perpetuação de estereótipos e cria um ambiente desfavorável para sua acolhida e integração (EUAA, 2023).

O estudo identifica as principais narrativas usadas na mídia, como a situação do país de origem, dados sobre o número e a demografia de migrantes, solicitantes de asilo e refugiados, e o uso de tecnologia por esses grupos. Tais narrativas podem influenciar fortemente a opinião pública sobre os refugiados, promovendo a compreensão e a aceitação ou gerando preconceito e hostilidade. As representações midiáticas dos refugiados também podem ter um impacto significativo no conflito social e na coesão social. Segundo esse estudo da EUAA (2023), essas representações podem gerar tanto preconceito quanto compreensão e aceitação em relação aos refugiados.

O estudo em questão identifica uma série de efeitos prejudiciais decorrentes das representações de refugiados, incluindo vitimização, despolitização, desumanização, marginalização, homogeneização e desindividualização. Essas representações tendem a estigmatizar os refugiados como “outros” na sociedade, gerando preconceito e xenofobia. No entanto, o estudo também aponta estratégias de representação que buscam reduzir o preconceito e promover a compreensão na sociedade, como a empatia com os refugiados e a adoção de uma abordagem de jornalismo baseada em direitos (EUAA, 2023).

O Conselho da Europa e a EUAA são instituições distintas, porém colaboram em diversas frentes para promover os direitos humanos e gerir questões de asilo. O Conselho da Europa, criado em 1949, promove os direitos humanos, a democracia e

o estado de direito na Europa. A EUAA, estabelecida mais recentemente, fortalece o Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA) e apoia os Estados-membros na implementação de políticas de asilo eficazes. A cooperação entre essas entidades assegura que os direitos dos refugiados e solicitantes de asilo sejam respeitados em toda a Europa.

Durante a crise dos refugiados sírios, essa cooperação se manifestou em várias iniciativas e programas destinados a fornecer suporte técnico e operacional aos Estados-membros para melhorar a capacidade de resposta e acolhimento dos refugiados, garantindo que as práticas de asilo estejam alinhadas com os padrões europeus de direitos humanos (EUAA, 2023).

A forma como a mídia apresentou os refugiados sírios teve um impacto significativo na opinião pública. Estudos sugerem que a cobertura predominantemente negativa em alguns meios de comunicação contribuiu para o aumento do sentimento anti-imigração e a resistência a políticas de acolhimento mais abertas (Human Rights Watch, 2017). Em contraste, meios que mantiveram um foco humanitário ajudaram a promover uma maior empatia e apoio às políticas de acolhimento (Yazgan; Utku; Sirkeci, 2015).

A influência da mídia na política externa tem sido um tema amplamente debatido. O consenso Almond-Lippmann retratava a opinião pública como emocional e com pouca influência na política externa. Esse consenso foi desafiado por eventos como o escândalo Watergate e a Guerra do Vietnã, que demonstraram a capacidade da mídia de moldar a opinião pública e influenciar decisões de política externa (Foyle, 2017).

Stephen Krasner, em sua teoria sobre regimes internacionais, argumenta que a estrutura e as normas do sistema internacional influenciam como os Estados se comportam e a mídia pode ser vista como um componente dessas normas que molda as expectativas e comportamentos dos Estados. Estudos empíricos indicam que a mídia geralmente reflete a agenda política dos governantes, sendo usada para mostrar respostas pontuais dos governos ("cosmetic responses").

A percepção da mídia como uma ferramenta influente na política externa tem suas raízes no período pós-Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, o consenso Almond-Lippmann dominava, retratando a opinião pública como volátil e irracional. Essa visão foi amplamente aceita até as décadas de 1960 e 1970, quando os eventos

da Guerra do Vietnã e o escândalo Watergate começaram a mudar essa percepção.

Estudos subsequentes, como os de Foyle (2017), mostraram que a opinião pública pode ser estruturada e ter um impacto considerável nas decisões de política externa.

A teoria do "Efeito CNN" sugere que as redes de notícias 24 horas, como a CNN, influenciam o clima político e econômico geral. A cobertura contínua de um evento ou assunto específico mantém a atenção dos espectadores focada por períodos potencialmente prolongados. Krasner argumenta que a mídia pode ser um componente das normas que moldam o comportamento dos Estados. McNulty (2017) explica que o "Efeito CNN" se manifesta quando imagens poderosas e narrativas emotivas sobre crises humanitárias provocam uma resposta imediata dos governos, muitas vezes resultando em intervenções militares ou ajuda humanitária.

Um exemplo clássico do "Efeito CNN" foi a intervenção no norte do Iraque em 1991 para proteger os refugiados curdos. Embora parecesse uma intervenção impulsionada pela mídia, foi motivada por preocupações geoestratégicas com a estabilidade no sul da Turquia. A criação de zonas de segurança visava afastar os curdos da fronteira e devolvê-los ao Iraque, ajudando a resolver a crise de segurança da Turquia (Robinson, 2002, pp. 63-71; Robinson, 2017). O "Efeito CNN" tem sido evidente na cobertura da crise dos refugiados sírios. A mídia, incluindo a CNN, tem desempenhado um papel crucial na disseminação de informações sobre a crise, influenciando a percepção pública e as políticas governamentais. A cobertura contínua da crise dos refugiados sírios pelas redes de notícias tem mantido a atenção do público global focada na situação. Como Emidio Diodato (2003) e Eytan Gilboa (2009) ressaltaram, a mídia desempenha um papel ativo na política internacional, destacando sua capacidade de influenciar a percepção pública e as políticas governamentais em relação a questões internacionais como a crise dos refugiados sírios. A CNN, por exemplo, tem destacado a magnitude da crise, com mais de 13 milhões de pessoas deslocadas desde o início do conflito em 2011. A cobertura contínua sobre a crise dos refugiados tem ajudado a manter a questão na vanguarda da consciência pública, potencialmente influenciando as políticas governamentais e as respostas humanitárias (ACNUR, 2022).

No entanto, como já falado anteriormente, a cobertura da mídia também pode ter efeitos negativos. Como Joseph Nye (1990) observou, a mídia pode exercer um "soft power", influenciando a opinião pública e as decisões políticas através da

atratividade e persuasão. No caso da crise dos refugiados sírios, a mídia, ao moldar a narrativa em torno da crise, pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e a criação de um ambiente desfavorável para a recepção e integração dos refugiados. Além disso, a cobertura midiática pode ter um impacto significativo no conflito e na coesão social. Segundo o estudo da Agência da União Europeia para o Asilo (EUAA), as representações da mídia de refugiados podem produzir preconceito em relação aos refugiados, bem como compreensão e aceitação (EUAA, 2023).

Para entender como diferentes veículos de mídia influenciaram a percepção pública e as respostas políticas, este estudo analisa casos específicos de cobertura midiática sobre a crise dos refugiados sírios. A análise foca em três tipos principais de mídia: jornais, televisão e plataformas digitais. A saber:

- **Jornais:** Os jornais tiveram um papel fundamental na moldagem da narrativa sobre os refugiados sírios. Publicações de renome como *The New York Times* e *The Guardian* frequentemente destacaram histórias de sofrimento humano, incluindo entrevistas com refugiados e reportagens sobre as condições nos campos de refugiados. No entanto, alguns jornais sensacionalistas, como *The Sun* e *Daily Mail*, apresentaram os refugiados em termos mais negativos, enfatizando os riscos à segurança e os desafios econômicos de acolher grandes fluxos de imigrantes (Human Rights Watch, 2017).
- **Televisão:** A televisão amplificou a crise dos refugiados para um público mais amplo, usando imagens poderosas e narrativas emocionais. Canais como BBC e CNN exibiram extensas reportagens de campo, mostrando a jornada perigosa dos refugiados e suas lutas nos países de acolhimento (Yazgan; Utku; Sirkeci, 2015). Em contrapartida, algumas redes de televisão, como Fox News, enfatizaram as potenciais ameaças representadas pelos refugiados, contribuindo para uma percepção pública mais negativa e para a adoção de políticas de segurança mais rigorosas (Human Rights Watch, 2017).
- **Plataformas Digitais:** Plataformas digitais, incluindo redes sociais e blogs, desempenharam um papel duplo na crise dos refugiados. Elas forneceram uma plataforma para vozes de refugiados, ONGs e ativistas, que usaram essas ferramentas para compartilhar suas experiências e mobilizar apoio (Human Rights Watch, 2017). Ao mesmo tempo, as mídias sociais amplificaram as

notícias falsas e os discursos de ódio, contribuindo para o aumento do sentimento anti-imigração (Yazgan; Utku; Sirkeci, 2015).

A mídia não apenas relata eventos, mas também molda a percepção pública ao selecionar e enfatizar certas histórias e imagens. Esse poder de moldar narrativas pode gerar respostas políticas variadas, desde acolhimento humanitário até políticas de restrição severas. A análise mostrou que a cobertura da mídia pode tanto humanizar os refugiados quanto estigmatizá-los, dependendo do enquadramento utilizado pelos veículos de comunicação. A responsabilidade da mídia em adotar uma abordagem equilibrada e precisa é crucial para promover uma compreensão mais empática e informada sobre a crise (Entman, 1993).

### **3.2. ANÁLISE DE COMO A MÍDIA MOLDOU A NARRATIVA DO CONFLITO**

As reportagens sobre a crise dos refugiados sírios influenciaram diretamente as políticas públicas e as respostas dos governos ocidentais. Este impacto variou de medidas de acolhimento humanitário a restrições migratórias e políticas de segurança (Human Rights Watch, 2017).

A cobertura da guerra na Síria pelo New York Times e outros meios de comunicação ocidentais tradicionais, seja em formato impresso, online ou televisivo, apresentou uma perspectiva bastante distinta daquela retratada por meios de comunicação não ocidentais. Na visão ocidental, o presidente sírio foi caracterizado como um autoritário que reprime seu povo com violência, um povo que se rebelou pacificamente e conseguiu se organizar e se armar em poucos meses, dando início a uma guerra civil em resposta aos anos de tirania do partido no poder. A narrativa ocidental dominante sugere um problema sectário, com o presidente sírio pertencendo a uma "minorias étnica", os Alauítas, que, em aliança com católicos, drusos e xiitas, governam contra a vontade da maioria sunita. Acusações de violações dos direitos humanos e apelos por intervenções humanitárias e pelo fornecimento de mais armas e apoio aos "rebeldes" são frequentes nessa mídia (Oliveira, 2010).

Por outro lado, certos meios de comunicação não ocidentais tendem a retratar os opositores armados na Síria como grupos compostos por jihadistas e terroristas, em sua maioria não sírios, ou seja, invasores estrangeiros, o que contesta a ideia de

uma "guerra civil". Esses soldados, seguidores de ideologias islâmicas radicais como os Salafistas-Wahabitas, teriam sido financiados, treinados e armados por países ocidentais e seus aliados no Oriente Médio, com o objetivo de derrubar o governo sírio a qualquer custo, inclusive com a destruição das instituições e infraestrutura sírias. Nas versões não ocidentais, Bashar al-Assad, seu exército e seus aliados são os únicos interessados em preservar a segurança do povo sírio contra as correntes ideológicas extremistas islâmicas. Em algumas narrativas de meios de comunicação localizados em países cujos governos se alinham ao atual governo sírio, este estaria sendo punido por não se submeter à política ocidental para o Oriente Médio e por desafiá-la, integrando o Eixo de Resistência contra a hegemonia dos EUA, Israel e seus aliados na região (Oliveira, 2010).

Herman e Chomsky (2003) propõem um “modelo de propaganda” que sugere que a mídia frequentemente age como um veículo para a propaganda do governo. No contexto do conflito na Síria, a frequência de certos termos na cobertura da mídia pode indicar um viés. Por exemplo, a mídia pode usar linguagem mais negativa ao descrever um grupo em comparação com outro, ou pode dar mais cobertura a certos eventos em detrimento de outro.

A análise das fontes de informação utilizadas na cobertura da mídia é crucial para entender a narrativa que está sendo construída. Duas fontes principais de números de mortos na guerra da Síria são a Organização das Nações Unidas e o Observatório Sírio dos Direitos Humanos, um grupo pró-oposição síria. A discrepância entre essas duas fontes sugere que a cobertura da mídia pode variar dependendo de qual fonte é usada.

O Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH) é um grupo pró-oposição síria que é frequentemente citado pela mídia. A maneira como a mídia retrata o OSDH e suas ações pode ter um impacto significativo na percepção pública do conflito, isso destaca a importância de entender o papel que diferentes grupos desempenham no conflito e como eles são retratados pela mídia. A cobertura da mídia do conflito na Síria variou ao longo do tempo. Isso sugere que a quantidade de cobertura que o conflito recebeu foi influenciada por uma variedade de fatores, incluindo outros eventos de notícias e mudanças na situação no terreno (Hajjar, 2016).

Ao longo de suas diversas formas e plataformas, a mídia desempenhou um papel crucial na disseminação de informações sobre a crise para o público global,

moldando não apenas a apresentação de fatos e estatísticas, mas também a visibilidade dos refugiados e a percepção pública do problema. Como observado por Chouliaraki e Zaborowski (2017), a mídia teve um papel determinante na divulgação dessas informações, influenciando a percepção pública do problema. Desde 2011, a cobertura midiática da crise dos refugiados sírios e da guerra na Síria tem sido extensa, destacando as experiências dos refugiados sírios e o impacto do conflito na região (Hajjar, 2016).

A análise da frequência de certos termos na cobertura da mídia é uma ferramenta valiosa para entender como é retratado eventos específicos. Sendo assim, a maior presença ou ausência de certos termos pode sugerir uma inclinação na cobertura jornalística, conforme o modelo de propaganda (Herman e Chomsky, 2003, p. 96).

No contexto da guerra na Síria, a análise revelou diferenças significativas na forma como diferentes grupos de mídia abordaram o conflito. Por exemplo, durante o período do ano de 2011 foi observado que certos termos, como “manifestações pacíficas”, apareceram em 10,9% das matérias de um grupo de mídia, enquanto em outro grupo, essas manifestações foram mencionadas em apenas 3,5% das matérias (Hajjar, 2016, p.108). Isso sugere que diferentes grupos de mídia podem ter abordagens distintas na cobertura do conflito, possivelmente refletindo diferentes perspectivas ou interesses.

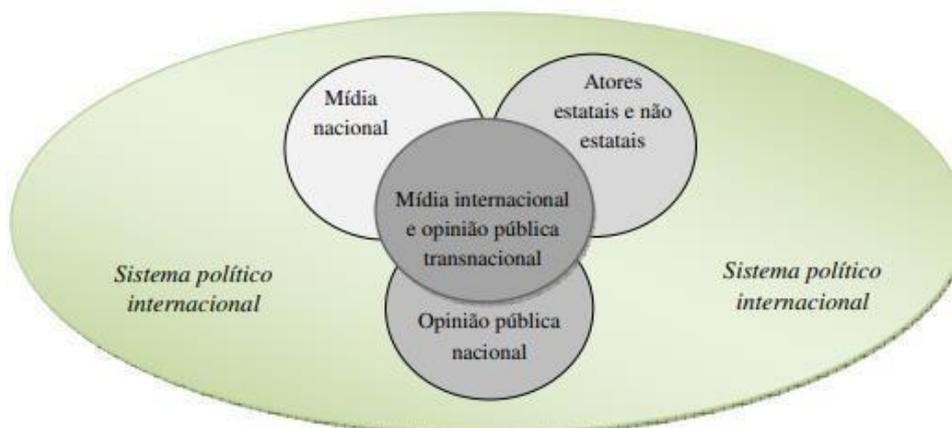
Além disso, a análise também destacou a importância das fontes de informação na cobertura da mídia. Foram comparadas as quantidades de notícias que se referiram à Organização das Nações Unidas como fonte para mortos, feridos e desabrigados, com as que citaram para o mesmo fim o Observatório Sírio dos Direitos Humanos, um grupo pró-oposição síria. A discrepância entre essas duas fontes sugere que a cobertura da mídia pode variar dependendo de qual fonte é usada

Apesar das dificuldades enfrentadas na comunicação, a resposta à crise também revelou uma notável solidariedade, com diversos países e organizações oferecendo proteção e assistência aos refugiados sírios. O Plano Regional de Resposta e Resiliência a Refugiados (3RP), liderado pelo ACNUR e pelo PNUD, tem sido fundamental na coordenação da ajuda humanitária e no apoio ao desenvolvimento na região, canalizando bilhões de dólares desde 2012 (UNHCR, 2020).

O papel ativo desempenhado na formação da narrativa em torno da crise dos refugiados sírios, moldando a maneira como a crise foi enquadrada, as histórias que foram contadas e as vozes que foram destacadas foram um importante feito da influência midiática. Essa cobertura evoluiu ao longo dos anos, com uma mudança significativa de foco após o aumento no número de refugiados em 2015. Inicialmente centrada na guerra e nas decisões políticas internacionais, a cobertura midiática passou a dar mais atenção aos desafios enfrentados pelos refugiados e pelas comunidades anfitriãs, bem como aos esforços das organizações humanitárias para fornecer apoio (Oliveira, 2010).

O modelo de comunicação política internacional de Emidio Diodato (2003) oferece uma estrutura útil para entender o papel da mídia na política internacional, destacando sua influência na agenda política e na formação da opinião pública. A aplicação desse modelo à cobertura midiática da crise dos refugiados sírios mostra como a mídia seleciona e apresenta histórias, influenciando a percepção e a reação do público.

Figura 3: diagrama sobre o modelo de comunicação política internacional de Emidio Diodato



Fonte: Rafael Santos de Oliveira, 2010, A Mídia Como Ator Emergente Das Relações Internacionais: Seu Protagonismo No Uso Do Soft Power Frente Aos Desafios Das Mudanças Climáticas.

Os elementos acima do modelo de Diodato (2003) ajudam a compreender a complexidade da cobertura midiática e seu impacto na percepção pública da crise dos refugiados sírios, destacando o poder da mídia em influenciar a narrativa e as respostas políticas e sociais à crise. Comunicar efetivamente sobre essa crise apresenta diversos desafios, incluindo a complexidade do problema, a sensibilidade

cultural e política, a veracidade das informações e a fadiga da audiência. Por isso, é essencial uma abordagem cuidadosa que respeite a dignidade dos refugiados e promova uma compreensão adequada da situação.

A cobertura da mídia pode influenciar a percepção pública sobre a crise dos refugiados sírios de diversas maneiras, moldando a forma como as pessoas percebem e entendem a crise. Em 2023, o Relatório Anual do Portal de Imigração mostrou que o Brasil recebeu 493 refugiados em 2020, a maioria deles sírios, e que a crise financeira de 2008 teve um efeito significativo na migração para o país (OBMigra, 2023). O relatório destaca a importância de uma cobertura de mídia responsável e equilibrada, que possa ajudar a combater estereótipos e desinformação, promovendo uma visão mais humanizada e empática dos refugiados e de suas necessidades.

O ACNUR também destaca a importância da resiliência e solidariedade demonstradas pelos governos e pelas pessoas da Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque, Egito e de outros países fora da região, que forneceram proteção e segurança aos sírios e abriram suas escolas, hospitais e casas para eles. Além disso, o ACNUR destaca a importância da resposta humanitária internacional, que aumentou em escala e profundidade nos últimos dez anos, graças às contribuições generosas de governos, do setor privado e de indivíduos (ACNUR, 2022).

No entanto, a mídia também pode perpetuar estereótipos e desinformação sobre os refugiados sírios, o que pode influenciar negativamente as percepções públicas e as respostas políticas e sociais à crise. Como destaca o ACNUR (2022), uma cobertura de mídia responsável pode ajudar a combater estereótipos e desinformação, promovendo uma visão mais humanizada e empática dos refugiados e de suas necessidades.

A teoria do Enquadramento (Framing Theory), proposta por Robert Entman (1993), é essencial para compreender como a mídia influenciou essas percepções. Segundo Entman, a forma como as notícias são enquadradas pode promover definições particulares de problemas, interpretações causais, avaliações morais e tratamentos recomendados.

A teoria do enquadramento sugere que a seleção e a ênfase de certos aspectos de uma questão podem influenciar significativamente a percepção do público. No contexto da crise dos refugiados sírios, a mídia utilizou diferentes quadros para apresentar a situação, variando entre retratos de vítimas indefesas e de refugiados

como ameaças à segurança nacional. Esses enquadramentos moldaram a compreensão pública da crise e influenciaram as respostas políticas e humanitárias.

Um estudo sobre a cobertura midiática da crise dos refugiados sírios revelou que as representações variaram amplamente entre diferentes veículos de comunicação. Na mídia ocidental, como o New York Times, o presidente sírio Bashar al-Assad foi frequentemente caracterizado como um ditador repressivo, enquanto os rebeldes eram retratados como lutadores pela liberdade (Oliveira, 2010). Por outro lado, meios de comunicação não ocidentais, como a Russia Today, retrataram os opositores armados na Síria como jihadistas e terroristas, financiados por potências ocidentais e seus aliados no Oriente Médio.

A análise das fontes de informação utilizadas na cobertura midiática é fundamental para entender a narrativa construída. Duas fontes principais de números de mortos na guerra da Síria são a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH), um grupo pró-oposição síria. A discrepância entre essas duas fontes sugere que a cobertura midiática pode variar dependendo da fonte utilizada. A mídia ocidental tende a citar o OSDH com mais frequência, enquanto veículos não ocidentais podem questionar a imparcialidade dessa organização.

Além disso, a frequência de certos termos na cobertura midiática também revela possíveis vieses. Por exemplo, termos como "manifestações pacíficas" foram mais frequentemente utilizados em veículos ocidentais, enquanto a mídia não ocidental enfatizou mais a presença de grupos jihadistas e extremistas entre os opositores ao governo sírio (Hajjar, 2016).

Plataformas como Twitter, Facebook e Instagram permitiram que indivíduos e organizações ampliassem o alcance das histórias, aumentando a conscientização e o engajamento público com o tema. A participação ativa dos refugiados nas redes sociais ajudou a amplificar e a sensibilizar a opinião pública global para a urgência da situação (Pozobon & Garcia, 2017).

No entanto, a disseminação de informações falsas ou enganosas nas redes sociais pode criar medo e divisão, enquanto a exposição constante à crise pode levar à fadiga da compaixão, tornando as pessoas insensíveis ao sofrimento dos refugiados. Portanto, é crucial garantir que as informações sejam precisas e

equilibradas para promover uma resposta eficaz e humanitária à crise dos refugiados sírios.

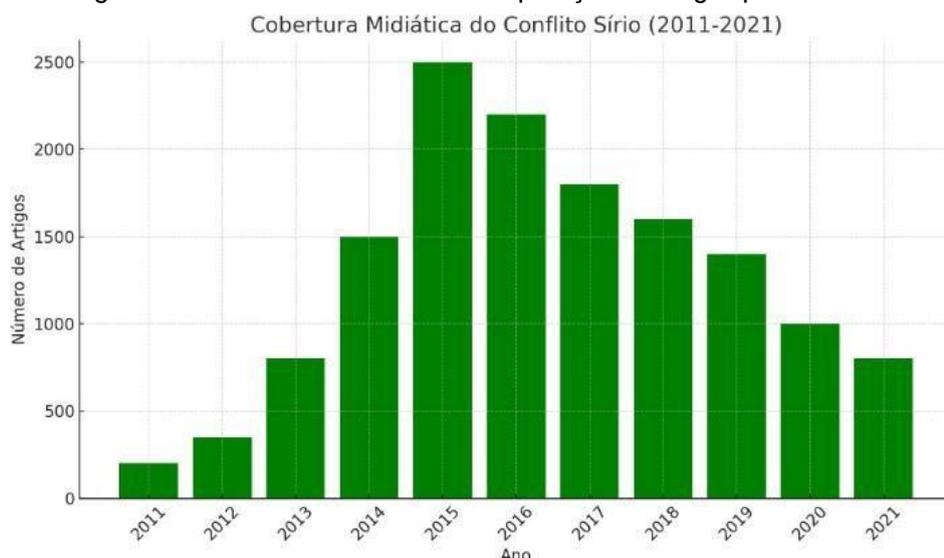
As imagens desempenham um papel crucial na cobertura midiática da crise dos refugiados sírios, moldando as percepções do público. Estudos mostraram que a apresentação de grandes grupos de refugiados tende a desumanizá-los, enquanto imagens de indivíduos identificáveis podem gerar mais empatia e ação pública. Carapeto (2017) argumenta que a mídia frequentemente apresenta refugiados como massas anônimas e indistintas, o que pode influenciar negativamente a percepção e a opinião pública.

O fenômeno conhecido como "efeito da vítima identificável" sugere que as pessoas são mais propensas a oferecer ajuda a uma única vítima identificada do que a grandes grupos de pessoas necessitadas (Mauro, 2016). No contexto da crise dos refugiados sírios, a maioria das imagens de notícias na mídia ocidental retrata os refugiados como massas anônimas, o que pode tornar o público insensível ao sofrimento deles ou simplesmente falhar em mudar atitudes ou comportamentos.

A mídia, ao moldar a narrativa em torno da crise dos refugiados sírios, exerceu um impacto significativo na percepção pública e nas respostas políticas. A teoria do enquadramento de Entman (1993) e o modelo de propaganda de Herman e Chomsky (2003) ajudam a explicar como diferentes aspectos da crise foram destacados ou minimizados, influenciando a opinião pública e as políticas adotadas. A cobertura midiática variou amplamente entre diferentes veículos de comunicação, refletindo distintas perspectivas e interesses.

Foi observado um grande aumento no número de notícias em todos os veículos no que concerne a esta cobertura, entre 2010 e 2011 quando iniciou a guerra:

Figura 4: Gráfico de barras com a comparação de artigos publicados.



Fonte: criação própria com base nos dados de HAJJAR, L. Cobertura Midiática da Guerra na Síria, 2016.

Destacam-se os crescimentos na quantidade de notícias das mídias Al Akhbar, Al Jazeera e Russia Today, em comparação com o que produziam em 2010 (Hajjar, 2016). Essas descobertas sugerem que diferentes veículos de mídia podem ter abordagens distintas na cobertura do conflito, possivelmente refletindo diferentes perspectivas ou interesses, entrando assim a teoria sobre fluxo e contrafluxo na mídia, que se refere à maneira como a informação é disseminada e como ela pode ser influenciada por diferentes perspectivas ou interesses (Oliveira, 2010).

Nesse contexto, é importante compreender os conceitos de fluxo dominante e contrafluxo. O fluxo dominante refere-se aos veículos de mídia amplamente reconhecidos e influentes, como The New York Times, O Estado de São Paulo, Le Monde Diplomatique Brasil e Al Jazeera. Esses veículos tendem a ter uma correlação mais forte entre o número de notícias e o número de artigos de opinião, indicando uma maior propensão a publicar editoriais que refletem suas perspectivas sobre o conflito (Hajjar, 2016). Essa maior correlação pode indicar que esses veículos estão mais propensos a publicar editoriais que refletem suas perspectivas sobre o conflito.

Por outro lado, o contrafluxo inclui veículos de mídia menos tradicionais ou de países não ocidentais, que frequentemente apresentam narrativas alternativas ao fluxo dominante, expondo interesses e perspectivas diferentes. Veículos como Russia Today, Asia Times, Al Akhbar e Al Masdar News são exemplos típicos do contrafluxo,

que muitas vezes reportam eventos de forma mais direta, sem necessariamente publicar editoriais que refletem uma perspectiva específica.

O conceito de fluxo dominante, conforme apresentado por Thussu (2007), é questionado por Sakr (2007). Para o conceito de contrafluxo ter valor explicativo a respeito de um fenômeno, deve se referir a mudanças das relações de poder na produção e difusão de mensagens da mídia e não apenas mudanças superficiais na geografia dos fluxos de mídia. Mudanças direcionais por si só não são suficientes. Isso sugere que o fluxo de informações na mídia não é apenas sobre a direção em que as informações estão se movendo, mas também sobre quem tem o poder de controlar e influenciar essa informação (Hajjar, 2016).

A análise revelou que em ambos os grupos, o aumento de notícias provoca o aumento de editoriais, mas esta correlação é mais forte no fluxo dominante. Isso sugere que a cobertura da mídia do conflito na Síria pode variar dependendo do grupo de mídia e de sua posição no espectro do fluxo dominante ao contrafluxo (Hajjar, 2016).

No fluxo dominante, que inclui veículos como The New York Times, O Estado de São Paulo, Le Monde Diplomatique Brasil e Al Jazeera, a correlação entre o número de notícias e o número de artigos de opinião é mais forte. Isso pode indicar que esses veículos de mídia estão mais propensos a publicar editoriais que refletem suas perspectivas sobre o conflito (Hajjar, 2016).

Por outro lado, nas mídias do contrafluxo, que incluem Russia Today, Asia Times, Al Akhbar e Al Masdar News, a correlação é um pouco mais fraca. Isso pode sugerir que esses veículos de mídia podem ser mais propensos a reportar os eventos de forma mais direta, sem necessariamente publicar um editorial que reflete uma perspectiva específica.

Os veículos de mídia então foram divididos em dois grupos por Hajjar (2016):

- Mídias do fluxo dominante: The New York Times, O Estado de São Paulo, Le Monde Diplomatique Brasil e Al Jazeera.

- Mídias do contrafluxo: Russia Today, Asia Times, Al Akhbar e Al Masdar News.

Ao analisar a cobertura da mídia sobre a crise síria, é essencial considerar essas dinâmicas de fluxo. Por exemplo, foi observado que, após 2013, o percentual relativo de matérias publicadas que citam o Observatório Sírio dos Direitos Humanos

(OSDH) é maior no contrafluxo do que no fluxo dominante. Isso sugere que os veículos de mídia do contrafluxo podem dar mais destaque às informações provenientes do OSDH, que é uma organização alinhada com a oposição síria e criticada por suas supostas parcialidades (Hajjar, 2016).

Figura 5: Comparação entre as referências ao OSDH e ONU por grupo de mídia - 2011 a 2015



Para exemplificar essa questão de fluxo e contrafluxo midiático, The New York Times e O Estado de São Paulo foram os veículos que mais reportaram questões ligadas à Síria antes da cobertura da Guerra. The New York Times produziu a maior quantidade de notícias sobre a Síria, 52,5%, enquanto O Estado de São Paulo foi o segundo com 17,9%, seguido por Al Jazeera, com 11,7%, e Russia Today, 8,1% (Hajjar, 2016).

É notório como Rami Abdul Rahman, diretor do Observatório, passa de "militante autossustentado" e "trabalhador incansável" na matéria do The New York Times, a um líder de uma "organização de mídia" que fornece ao mundo dados - questionáveis - da guerra da Síria, na primeira matéria do Russia Today (Hajjar, 2016).

As matérias do fluxo dominante, que incluem veículos como The New York Times, O Estado de São Paulo, Le Monde Diplomatique Brasil e Al Jazeera, rapidamente respondem às dúvidas levantadas pela declaração de testemunhos, de especialistas e líderes mundiais, sobre o que "de fato" ocorre. O governo sírio é completamente desqualificado em suas opiniões, e a ideia de "intervenção" ou "agenda" estrangeiras, ou de "oposição salafista armada" é desconsiderada do

princípio. Por outro lado, as matérias do contrafluxo, que incluem Russia Today, Asia Times, Al Akhbar e Al Masdar News, publicaram mais opiniões de analistas que notícias sobre a Síria (Hajjar, 2016).

As organizações de notícias tradicionais, como a BBC, desempenharam um papel significativo ao destacar as histórias individuais de tragédia e esperança entre os refugiados. Como observado por Chouliaraki e Zaborowski (2017), "a mídia desempenhou um papel crucial na disseminação de informações sobre a crise para o público global, moldando a visibilidade dos refugiados e influenciando a percepção pública do problema". Isso destaca a complexidade do conflito e a necessidade de uma solução política, ao invés de focar exclusivamente nas questões de segurança e geopolítica.

No entanto, à medida que a crise se arrastava e suas implicações geopolíticas se tornavam mais evidentes, a cobertura midiática começou a se concentrar também nas questões de segurança e política. Os debates sobre o acolhimento de refugiados, os riscos associados ao terrorismo e as tensões entre os países receptores e os países de origem dos refugiados ganharam destaque nos discursos midiáticos (Leite, 2022). Isso reflete a observação de Diodato (2004) de que "a mídia tem o poder de moldar a agenda política e de ser um participante ativo nas relações internacionais" (Diodato, 2004). A análise da cobertura midiática deve ir além da influência sobre o conflito, focando também em como os refugiados são representados.

### **3.3. EFEITOS DA COBERTURA MIDIÁTICA NAS RESPOSTAS POLÍTICAS**

Durante a crise dos refugiados, os veículos de comunicação frequentemente apresentaram os refugiados de forma generalizada, desumanizando-os e reforçando estereótipos negativos. Exemplos pontuais, como a cobertura da imagem do menino Alan Kurdi, morto em uma praia turca, contrastam com essa tendência, mostrando um potencial humanizador e sensibilizando o público global (Silva, 2018).

A diferença na recepção de refugiados sírios em comparação aos ucranianos expõe a influência dos veículos de comunicação em relação ao racismo e à xenofobia. Embora seja difícil isolar completamente o impacto midiático, é evidente que as representações na mídia têm um papel crucial na formação de percepções e atitudes públicas. A acolhida mais favorável aos ucranianos em contraste com os sírios ilustra

como fatores culturais e raciais, em combinação com as narrativas midiáticas, moldam a opinião pública e as políticas de recepção (Carapeto, 2017).

A teoria do enquadramento, conforme proposta por Entman (1993), ajuda a entender como a mídia retratou a crise dos refugiados sírios. Diferentes abordagens, como "vítimas inocentes", "ameaça à segurança" e "crise humanitária", influenciaram profundamente a percepção pública e as políticas adotadas em resposta à crise (Entman, 1993).

Nos países de origem, como a Síria, os veículos de comunicação focam principalmente na guerra civil, nas posições governamentais e nos atores internacionais, mas raramente abordam especificamente a crise de refugiados. Em contraste, nos países de destino, a mídia costuma dar mais atenção à crise de refugiados, especialmente em momentos de cobertura intensa, mas essa atenção pode diminuir rapidamente (Hajjar, 2016).

As redes sociais têm desempenhado um papel significativo na remodelação das políticas em relação à crise dos refugiados sírios. Com sua interação dinâmica, rápida transmissão e fácil acessibilidade, elas se tornaram ferramentas poderosas para moldar a opinião pública e influenciar políticas governamentais (Gilboa, 2009).

Contudo, é importante reconhecer que tanto os veículos de comunicação tradicionais quanto as redes sociais podem ter efeitos adversos. A disseminação de informações falsas ou enganosas pode gerar medo e divisão, enquanto a exposição constante à crise pode levar à fadiga da compaixão, diminuindo a sensibilidade ao sofrimento dos refugiados. Assim, é crucial que as informações sejam precisas e equilibradas para promover uma resposta eficaz e humanitária à crise dos refugiados sírios (Herman & Chomsky, 2003).

As imagens desempenham um papel essencial na cobertura da crise dos refugiados sírios. Elas moldam nossas percepções e podem se tornar forças políticas por si mesmas. Desde o início da crise em 2011, imagens de barcos sobrecarregados e pessoas em situações de extrema vulnerabilidade se tornaram símbolos da crise, influenciando tanto a opinião pública quanto as respostas políticas. Essas imagens ajudaram a gerar empatia e solidariedade, impulsionando ações humanitárias, mas também alimentaram medos e inseguranças, levando a políticas mais restritivas e a um aumento da xenofobia (Carapeto, 2017).

A mídia, ao selecionar e enfatizar determinadas imagens e narrativas, desempenha um papel crucial na formação dessas percepções. Representações visuais dos refugiados podem desumanizar e estigmatizar, mas também têm o poder de humanizar e fomentar a solidariedade. O desafio para os veículos de comunicação é encontrar um equilíbrio entre sensibilizar o público e manter a responsabilidade ética na representação dos refugiados.

Mafalda Carapeto (2017) analisa como a mídia frequentemente apresenta os refugiados como massas anônimas, o que influencia a percepção pública. Quando expostos a imagens de grandes grupos de refugiados, os espectadores tendem a desumanizá-los mais do que quando veem pequenos grupos ou indivíduos identificáveis. Esse fenômeno, conhecido como "efeito da vítima identificável", indica que as pessoas reagem com mais empatia ao sofrimento de um único indivíduo do que ao de um grande grupo (Mauro, 2016).

Na mídia convencional, no entanto, imagens de vítimas identificáveis são raras. No contexto da crise síria, a maioria das imagens mostra refugiados como massas indistintas, o que pode levar à insensibilidade pública ou à ineficácia em mudar atitudes ou comportamentos (Mauro, 2016).

Utilizando a teoria da comunicação política internacional de Emidio Diodato (2003), podemos entender melhor como a mídia moldou a narrativa do conflito sírio. Segundo Diodato, a mídia atua como um "gatekeeper", decidindo quais histórias contar e como apresentá-las. Essa teoria é vital para compreender como diferentes plataformas de mídia influenciaram a opinião pública e a política internacional em relação à crise dos refugiados (Diodato, 2003).

A cobertura da mídia sobre o conflito na Síria variou entre diferentes veículos, refletindo perspectivas e interesses distintos. Por exemplo, em 2011, a cobertura das "manifestações pacíficas" na Síria variou drasticamente entre diferentes grupos de mídia, o que sugere abordagens divergentes baseadas em suas próprias perspectivas ou interesses (Hajjar, 2016).

A análise das fontes de informação usadas na cobertura midiática é crucial para entender a narrativa construída. As discrepâncias entre as principais fontes de contagem de mortos na guerra da Síria indicam que a cobertura da mídia pode variar significativamente dependendo da fonte usada (Hajjar, 2016).

A mídia global desempenhou um papel crucial na disseminação de informações sobre a crise dos refugiados sírios, moldando a visibilidade dos refugiados e a percepção pública do problema (Chouliaraki; Zaborowski, 2017). A teoria do enquadramento de Entman (1993) foi utilizada para apresentar aspectos do conflito de uma maneira que promovesse uma definição específica do problema e sugerisse tratamentos recomendados, o que impactou significativamente a opinião pública (Entman, 1993).

As redes sociais também emergiram como um canal vital para a disseminação de informações e opiniões sobre a crise. Plataformas como Twitter, Facebook e Instagram permitiram que indivíduos e organizações ampliassem o alcance das histórias dos refugiados, aumentando a conscientização e o engajamento público com o tema (Silva, 2018).

O modelo de propaganda de Herman e Chomsky (2003) sugere que a mídia funciona através da frequência de exposição dos temas relevantes. A presença ou ausência de notícias sobre um determinado assunto é um elemento essencial, pois a visibilidade cria a opinião pública e reforça a autorreferência jornalística (Marcondes Filho, 2002). No contexto da guerra na Síria, a mídia desempenhou um papel significativo na formação da opinião pública, selecionando e destacando certos aspectos do conflito (Hajjar, 2016).

Inicialmente, a mídia focava na escala do deslocamento e nas dificuldades enfrentadas pelos refugiados, mas, com o tempo, a cobertura passou a se concentrar mais nas implicações de segurança e política da crise. A teoria do enquadramento destaca como a seleção e a ênfase de certos aspectos podem influenciar a percepção pública, com quadros variando desde retratos de vítimas indefesas até ameaças à segurança (ACNUR, 2022).

As redes sociais continuaram a desempenhar um papel fundamental na ampliação do alcance das histórias dos refugiados, proporcionando um espaço para debates e discussões sobre políticas de migração e refúgio (Silva, 2018).

O papel da mídia na comunicação eficaz sobre a crise dos refugiados sírios é repleto de desafios, incluindo a complexidade da crise, a sensibilidade cultural e política, a precisão das informações, a logística de cobertura e o equilíbrio entre humanização e vitimização. Esses desafios exigem uma abordagem cuidadosa para

garantir que a crise seja comunicada de forma a informar o público, respeitar a dignidade dos refugiados e promover uma compreensão adequada da situação.

A teoria da comunicação política de Emidio Diodato (2003) sugere que a mídia exerce "soft power", influenciando a percepção pública e as políticas governamentais através da forma como enquadra a crise. O modelo de Diodato destaca a importância de entender o contexto cultural e político em que a comunicação ocorre, influenciando assim a forma como a crise é percebida e enfrentada (Diodato, 2003).

Em síntese, a mídia, ao moldar a narrativa da crise dos refugiados sírios, não é apenas um canal passivo de informação, mas um ator ativo que pode influenciar políticas e decisões. Essa capacidade de moldar a opinião pública e a política é crucial para entender a complexa dinâmica da crise e a resposta internacional a ela.

#### **4. IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA PERCEPÇÃO PÚBLICA NA GUERRA DA SÍRIA E A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS**

A Guerra da Síria e a subsequente crise de refugiados têm implicações políticas profundas em várias frentes. A percepção pública desses eventos pode moldar as políticas e as respostas dos governos, tanto local quanto globalmente. A percepção pública da guerra e da crise de refugiados pode influenciar as políticas internas dos países. Por exemplo, se a opinião pública for fortemente contra a aceitação de refugiados, os governos podem ser pressionados a adotar políticas de imigração mais restritivas (Betts & Collier, 2017).

Além disso, a maneira como a guerra e a crise de refugiados é percebida pode afetar as relações entre países. Países que acolhem muitos refugiados podem buscar apoio internacional, enquanto aqueles que se recusam a aceitar refugiados podem enfrentar críticas (Milner, 2014). A percepção pública da crise de refugiados também pode influenciar a atenção dada aos direitos humanos. Se a opinião pública se concentrar na difícil situação dos refugiados, pode haver maior pressão para ação em questões de direitos humanos (Goodhart, 2008).

A percepção de que refugiados representam uma ameaça à segurança pode influenciar as políticas de defesa e segurança. Isso pode levar a um aumento nos gastos com defesa e a implementação de medidas de segurança mais rigorosas (Huysmans, 2006).

A chegada de refugiados pode ter impactos econômicos. A percepção pública desses impactos pode influenciar as políticas econômicas, como o apoio à integração de refugiados no mercado de trabalho (Dustmann, Fasani, & Speciale, 2017).

A Guerra Civil na Síria, é um conflito complexo e prolongado, que envolve uma série de tensões étnicas, políticas e religiosas. Segundo Soares (2018), a guerra começou como uma repressão violenta do governo sírio contramaneifestações pacíficas, o que levou à criação de grupos rebeldes com o objetivo de derrubar o governo. A guerra rapidamente se transformou em um conflito internacional, com interesses e intervenções de grandes potências como os Estados Unidos, Rússia, Irã, Arábia Saudita e Catar.

A percepção pública da guerra e da crise de refugiados pode influenciar as políticas internas dos países. Se a opinião pública for fortemente contra a aceitação de refugiados, os governos podem ser pressionados a adotar políticas de imigração mais restritivas (Betts; Collier, 2017).

A mídia desempenhou um papel fundamental na formação da opinião pública sobre o conflito na Síria, influenciando a percepção do público e das democracias liberais. Helmut Augusto Ramírez Braun (2019) argumenta que a mídia teve um impacto significativo no decorrer do conflito, especialmente nos Estados Unidos, influenciando a tomada de decisão geopolítica dos presidentes Barack Obama e Donald Trump. O conceito de "Efeito CNN" ou "Efeito Al Jazeera" refere-se à capacidade das redes globais de televisão de determinar a política externa de grandes potências, e este fenômeno foi evidente na Guerra na Síria (Soares, 2018).

A crise de refugiados sírios gerada pelo conflito é considerada uma das piores crises de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, com mais de 13 milhões de pessoas deslocadas (Silva Leite, 2015). A crise teve efeitos significativos nas políticas nacionais e globais, afetando a paz e a segurança mundial (Yazgan, Utku e Sirkeci, 2015). A cobertura dos repórteres de guerra na Síria durante a Primavera Árabe também teve um impacto na formação da opinião pública, especialmente na agenda mediática portuguesa (Andrade, 2014).

As políticas públicas adotadas pelos países estrangeiros em relação à guerra na Síria têm sido alvo de críticas significativas, especialmente no que diz respeito à intervenção militar, ao apoio a grupos rebeldes e à gestão da crise humanitária gerada pelo conflito. Segundo Soares (2018), a intervenção militar e o apoio a grupos rebeldes

por parte de potências estrangeiras têm sido questionados por sua eficácia e pelo papel desestabilizador que desempenharam no prolongamento da guerra civil na Síria. A falta de coordenação e abrangência nas políticas de acolhimento e gestão da crise de refugiados sírios também tem sido alvo de críticas, conforme apontado por Silva Leite (2015), que destaca a insuficiência das ações adotadas para lidar com a magnitude da crise humanitária.

Além disso, a influência da mídia na percepção do conflito na Síria e as narrativas distorcidas apresentadas por diferentes fontes midiáticas têm sido objeto de críticas. Ramírez Braun (2019) ressalta que a disseminação de informações não verificadas e a polarização das narrativas midiáticas contribuíram para a desinformação e a falta de clareza sobre os eventos na Síria. A falta de veracidade e a propagação de informações não confirmadas, especialmente através das redes sociais, têm sido apontadas como fatores que distorcem a percepção do público e influenciam negativamente a compreensão do conflito.

#### **4.1. INFLUÊNCIA DA PERCEPÇÃO PÚBLICA NAS DECISÕES POLÍTICAS E NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A Guerra da Síria e a subsequente crise de refugiados têm implicações políticas profundas em várias frentes. A percepção pública desses eventos pode moldar as políticas e as respostas dos governos, tanto local quanto globalmente. A percepção pública da guerra e da crise de refugiados pode influenciar as políticas internas dos países. Por exemplo, se a opinião pública for fortemente contra a aceitação de refugiados, os governos podem ser pressionados a adotar políticas de imigração mais restritivas (Betts & Collier, 2017).

A percepção pública da crise de refugiados também pode influenciar a atenção dada aos direitos humanos. Se a opinião pública se concentrar na difícil situação dos refugiados, pode haver maior pressão para ação em questões de direitos humanos (Goodhart, 2008). A percepção de que refugiados representam uma ameaça à segurança pode influenciar as políticas de defesa e segurança, levando a um aumento nos gastos com defesa e a implementação de medidas de segurança mais rigorosas (Huysmans, 2006).

A chegada de refugiados pode ter impactos econômicos. A percepção pública desses impactos pode influenciar as políticas econômicas, como o apoio à integração de refugiados no mercado de trabalho (Dustmann, Fasani, & Speciale, 2017).

A Guerra Civil na Síria, um conflito complexo e prolongado, envolve uma série de tensões étnicas, políticas e religiosas. Segundo Soares (2018), a guerra começou como uma repressão violenta do governo sírio contra manifestações pacíficas, o que levou à criação de grupos rebeldes com o objetivo de derrubar o governo. A guerra rapidamente se transformou em um conflito internacional, com interesses e intervenções de grandes potências como os Estados Unidos, Rússia, Irã, Arábia Saudita e Catar.

A mídia desempenhou um papel fundamental na formação da opinião pública sobre o conflito na Síria, influenciando a percepção do público e das democracias liberais. Helmut Augusto Ramírez Braun (2019) argumenta que a mídia teve um impacto significativo no decorrer do conflito, especialmente nos Estados Unidos, influenciando a tomada de decisão geopolítica dos presidentes Barack Obama e Donald Trump. O conceito de "Efeito CNN" ou "Efeito Al Jazeera" refere-se à capacidade das redes globais de televisão de determinar a política externa de grandes potências, e este fenômeno foi evidente na Guerra na Síria (Soares, 2018).

A crise de refugiados sírios gerada pelo conflito é considerada uma das piores crises de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, com mais de 13 milhões de pessoas deslocadas (Silva Leite, 2015). A crise teve efeitos significativos nas políticas nacionais e globais, afetando a paz e a segurança mundial (Yazgan, Utku e Sirkeci, 2015). A cobertura dos repórteres de guerra na Síria durante a Primavera Árabe também teve um impacto na formação da opinião pública, especialmente na agenda mediática portuguesa (Andrade, 2014).

As políticas públicas adotadas pelos países estrangeiros em relação à guerra na Síria têm sido alvo de críticas significativas, especialmente no que diz respeito à intervenção militar, ao apoio a grupos rebeldes e à gestão da crise humanitária gerada pelo conflito. Segundo Soares (2018), a intervenção militar e o apoio a grupos rebeldes por parte de potências estrangeiras têm sido questionados por sua eficácia e pelo papel desestabilizador que desempenharam no prolongamento da guerra civil na Síria. A falta de coordenação e abrangência nas políticas de acolhimento e gestão da crise de refugiados sírios também tem sido alvo de críticas, conforme apontado por

Silva Leite (2015), que destaca a insuficiência das ações adotadas para lidar com a magnitude da crise humanitária.

## **4.2. A MÍDIA COMO ATOR NO CENÁRIO INTERNACIONAL**

Os veículos de comunicação, como atores no cenário internacional, desempenham um papel crucial na formação da opinião pública e na influência das políticas governamentais. Este papel é amplamente discutido no âmbito da diplomacia midiática, um conceito central na teoria desenvolvida por Eytan Gilboa. Segundo Gilboa (1987), a diplomacia midiática é um campo multidisciplinar que envolve a interação entre veículos de comunicação e relações internacionais, onde esses veículos atuam como influentes participantes nas negociações e na construção de narrativas globais.

Gilboa (2002) identifica três modelos analíticos principais de diplomacia midiática: a diplomacia pública, a diplomacia nos meios de comunicação e a diplomacia feita pelos veículos de comunicação. Cada um desses modelos destaca diferentes aspectos de como os veículos de comunicação podem influenciar as relações internacionais e as políticas públicas. Por isso Gilboa (2002) dispõe esses modelos analíticos do seguinte modo:

1. **Diplomacia Pública:** Neste modelo, o objetivo é construir a imagem de um país no exterior através da comunicação direta com governos e indivíduos estrangeiros, utilizando os meios de comunicação de massa ou por meio de intercâmbios culturais, científicos e artísticos. A diplomacia pública visa promover os interesses nacionais e influenciar a opinião pública estrangeira de maneira positiva. Por exemplo, campanhas publicitárias e programas culturais podem ser utilizados para melhorar a imagem de um país e fomentar relações amistosas com outras nações.
2. **Diplomacia nos Meios de Comunicação:** Aqui, os veículos de comunicação são utilizados como meio de negociação para evitar ou resolver conflitos. A cobertura jornalística pode expor as necessidades e posições dos diferentes atores envolvidos, facilitando a mediação e a resolução de disputas internacionais. Os veículos de comunicação atuam como intermediários,

proporcionando uma plataforma para diálogo entre partes conflitantes. Este modelo pode ser observado em reportagens que destacam esforços diplomáticos ou negociações de paz.

3. **Diplomacia Feita pelos Veículos de Comunicação:** Neste modelo, os meios de comunicação desempenham um papel ativo na formação da opinião pública e na influência das decisões políticas. Os veículos de comunicação podem moldar narrativas, selecionar quais eventos destacar e até mesmo definir agendas políticas ao dar visibilidade a certos temas e questões. As decisões editoriais sobre quais histórias contar e como contá-las podem ter um impacto significativo nas políticas governamentais e nas percepções públicas. Este modelo é especialmente relevante na cobertura de crises humanitárias e conflitos.

Para a presente pesquisa, a crise dos refugiados sírios é um exemplo claro de como os veículos de comunicação podem ser utilizados como ferramenta diplomática para influenciar a opinião pública e a agenda de políticas internacionais. A cobertura desta crise variou significativamente entre diferentes veículos de comunicação, refletindo interesses geopolíticos e econômicos distintos.

Os conglomerados de comunicação ocidentais, parte do fluxo dominante, frequentemente retrataram o presidente sírio como um tirano que reprime violentamente seu povo e acusaram o governo sírio de violações dos direitos humanos. Essa narrativa influenciou a opinião pública ocidental e, conseqüentemente, as políticas dos governos em relação à Síria (Hajjar, 2016). Em contraste, os veículos de comunicação no contrafluxo, como certos veículos não ocidentais, buscaram expor interesses e perspectivas diferentes, contestando a narrativa dominante e apresentando uma visão alternativa da crise na Síria.

Por exemplo, enquanto o *The New York Times* e a *BBC* focaram em narrativas de opressão e violência pelo governo de Bashar al-Assad, veículos como *Russia Today* e *Al Jazeera* frequentemente destacaram os aspectos geopolíticos e a intervenção estrangeira no conflito, oferecendo uma perspectiva que muitas vezes contrapunha as narrativas ocidentais. Essas diferenças na cobertura não apenas moldaram as percepções públicas, mas também influenciaram as respostas políticas dos países envolvidos.

Além disso, a teoria do "Efeito CNN" sugere que a cobertura contínua de crises humanitárias por redes de notícias 24 horas, como a CNN, pode manter a atenção do público global focada nesses eventos, potencialmente influenciando as políticas governamentais e as respostas humanitárias. No caso da crise dos refugiados sírios, os veículos de comunicação destacaram a magnitude da crise e o sofrimento humano, o que ajudou a manter a questão na vanguarda da consciência pública (Gilboa, 2009).

O "Efeito CNN" foi evidente na resposta internacional ao conflito sírio, onde a cobertura extensiva e gráfica das condições dos refugiados gerou uma onda de solidariedade global, mas também provocou respostas políticas distintas em diferentes países. Enquanto alguns governos usaram os veículos de comunicação para justificar intervenções humanitárias e políticas de acolhimento, outros, especialmente aqueles com governos de extrema-direita, utilizaram a cobertura para reforçar narrativas de segurança nacional e justificar políticas de fechamento de fronteiras.

No entanto, a influência dos veículos de comunicação não é isenta de desafios. A disseminação de informações distorcidas ou a falta de clareza na narrativa podem impactar negativamente a formulação de políticas públicas coerentes e eficazes. A polarização política e a desinformação podem levar a reações exageradas ou desproporcionais, influenciando as decisões políticas de maneira prejudicial (Ramírez Braun, 2019).

Por exemplo, a cobertura polarizada da crise dos refugiados sírios, onde diferentes narrativas competem entre si, pode resultar em uma fragmentação da opinião pública, dificultando a criação de políticas coesas e unificadas. Além disso, a desumanização dos refugiados através de representações negativas pode perpetuar estigmas e preconceitos, impactando as políticas de integração e acolhimento.

A diplomacia midiática, ao moldar a narrativa em torno de crises como a dos refugiados sírios, destaca o poder dos veículos de comunicação como atores significativos nas relações internacionais. Eles não apenas informam, mas também influenciam a percepção pública e as decisões políticas, desempenhando um papel essencial na resposta internacional a crises humanitárias. Compreender os modelos analíticos de diplomacia midiática e suas aplicações práticas permite uma análise mais profunda do impacto dos veículos de comunicação na política global e na opinião pública.

Ao reportar a situação precária dos refugiados, os veículos de comunicação sensibilizaram a opinião pública e incentivaram doações e ações de organizações não governamentais (ONGs) e agências internacionais. A cobertura das condições nos campos de refugiados, por exemplo, chamou a atenção para a necessidade urgente de ajuda humanitária e pressionou os governos a aumentarem seu apoio financeiro e logístico (Welsh, 2015).

Além disso, os veículos de comunicação destacaram as histórias pessoais dos refugiados, humanizando a crise e aumentando a empatia do público. Histórias de famílias separadas, crianças sem acesso à educação e pessoas enfrentando condições de vida extremamente difíceis foram amplamente divulgadas, gerando uma resposta humanitária significativa. No entanto, os veículos de comunicação também enfrentaram críticas por, às vezes, exagerar ou sensacionalizar a cobertura, o que pode levar a uma percepção distorcida da realidade no terreno (Carapeto, 2017).

Destaca-se, no presente estudo, que as redes sociais emergiram como uma ferramenta poderosa na cobertura da crise dos refugiados sírios. Plataformas como Twitter, Facebook e Instagram permitiram que os próprios refugiados compartilhassem suas histórias, proporcionando uma perspectiva direta e autêntica sobre a crise. Essas plataformas também facilitaram a organização de campanhas de apoio e a mobilização de recursos.

No entanto, as redes sociais também apresentaram desafios. A disseminação rápida de informações falsas ou enganosas pode criar pânico e divisão, enquanto a exposição contínua a imagens e relatos de sofrimento pode levar à fadiga da compaixão. A participação ativa de refugiados nas redes sociais ajudou a amplificar suas vozes, mas também expôs as vulnerabilidades desses indivíduos a ataques e discriminação online (Pozobon & Garcia, 2017).

Os veículos de comunicação tradicionais, como o New York Times e a BBC, forneceram análises detalhadas e reportagens investigativas sobre a crise dos refugiados, contribuindo para uma compreensão mais profunda das causas e consequências do conflito. Em contraste, as plataformas digitais permitiram uma cobertura mais imediata e interativa, mas também foram mais suscetíveis à disseminação de informações não verificadas (Silva, 2018).

## 5. CONCLUSÃO: A GUERRA DA SÍRIA E A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS

A Guerra Civil na Síria, iniciada em 2011, transformou-se em um dos conflitos mais devastadores e complexos do século XXI. O conflito, que começou como protestos pacíficos contra o governo autoritário de Bashar al-Assad, rapidamente evoluiu para uma guerra civil prolongada, envolvendo uma variedade de atores nacionais e internacionais. A brutal repressão governamental e a subsequente militarização dos protestos levaram à criação de inúmeros grupos rebeldes, incluindo facções islamistas e grupos apoiados por potências estrangeiras, como Estados Unidos, Rússia, Irã, Arábia Saudita e Catar (Soares, 2018).

A guerra resultou em uma das piores crises humanitárias desde a Segunda Guerra Mundial, com mais de 13 milhões de pessoas deslocadas e inúmeras vidas perdidas (Silva Leite, 2015). A crise dos refugiados sírios colocou uma pressão significativa sobre a comunidade internacional, especialmente nos países vizinhos como Turquia, Líbano e Jordânia, que abrigam a maioria dos refugiados (ACNUR, 2022). A resposta internacional à crise foi marcada por esforços humanitários substanciais, mas também por políticas de acolhimento variáveis, influenciadas pela percepção pública e pela cobertura midiática.

A mídia desempenhou um papel crucial na formação da percepção pública sobre a guerra na Síria e a crise dos refugiados. A teoria do enquadramento de Robert Entman (1993) e a teoria da diplomacia midiática de Eytan Gilboa (2002) oferecem uma compreensão de como a mídia molda a percepção pública e, por extensão, influencia as políticas governamentais. A mídia pode destacar certos aspectos do conflito, como a brutalidade do governo sírio ou a vulnerabilidade dos refugiados, enquanto minimiza outros, como a complexidade geopolítica do conflito ou a presença de grupos extremistas entre os rebeldes (Entman, 1993; Gilboa, 2002).

A análise das narrativas midiáticas sobre a crise síria revela uma divisão entre os veículos de comunicação ocidentais e não ocidentais. Enquanto a mídia ocidental frequentemente retrata Assad como um tirano e os rebeldes como lutadores pela liberdade, veículos não ocidentais, como a Rússia Today, tendem a apresentar os rebeldes como jihadistas e terroristas, financiados por potências ocidentais (Oliveira, 2010). Essa disparidade na cobertura midiática não só influencia a opinião pública, mas também molda as respostas políticas dos governos em relação ao conflito e à crise de refugiados.

A percepção pública, moldada pela mídia, tem implicações políticas profundas. Governos democraticamente eleitos são sensíveis à opinião pública e, como resultado, as políticas de acolhimento de refugiados podem ser influenciadas pelas narrativas predominantes na mídia. Por exemplo, se a mídia retrata os refugiados principalmente como uma ameaça à segurança, isso pode levar a políticas de imigração mais restritivas (Betts & Collier, 2017). Por outro lado, uma cobertura que humanize os refugiados e destaque suas necessidades pode gerar maior apoio a políticas de acolhimento e integração.

A percepção pública também afeta as relações internacionais. Países que acolhem muitos refugiados frequentemente buscam apoio internacional e podem usar a mídia para sensibilizar a comunidade global para a necessidade de assistência (Milner, 2014). Além disso, a cobertura midiática pode influenciar a atenção dada aos direitos humanos, com uma ênfase nas condições difíceis enfrentadas pelos refugiados potencialmente gerando pressão para ações mais robustas em questões de direitos humanos (Goodhart, 2008).

A mídia não é apenas um observador passivo, mas um ator ativo no cenário internacional. Como destacado por Gilboa (2002), a diplomacia midiática envolve a mídia na mediação e resolução de conflitos, bem como na formação da opinião pública global. Durante a crise dos refugiados sírios, a mídia desempenhou um papel significativo na disseminação de informações, moldando narrativas e influenciando tanto a opinião pública quanto as decisões políticas.

O "Efeito CNN" exemplifica como a cobertura contínua de crises humanitárias pode manter a atenção do público global e pressionar os governos a responderem de maneira imediata e, muitas vezes, intervencionista (Robinson, 2017). No caso da Síria, a cobertura extensiva da crise dos refugiados gerou uma onda de solidariedade global, mas também respostas políticas distintas, dependendo da narrativa promovida pelos diferentes veículos de comunicação. A guerra na Síria e a subsequente crise de refugiados destacam a complexa interação entre mídia, percepção pública e políticas governamentais. A mídia, ao moldar a narrativa do conflito e da crise humanitária, exerce uma influência significativa sobre a opinião pública e as decisões políticas. É essencial que a mídia adote uma abordagem responsável e equilibrada, evitando estereótipos e desinformação, e promovendo uma compreensão mais profunda e empática dos refugiados e das complexidades do conflito (Thomas, 2019).

O estudo da influência da mídia na percepção pública e nas políticas de resposta à crise dos refugiados sírios sublinha a necessidade de mais pesquisas para compreender plenamente esses fenômenos. A mídia tem o potencial de desempenhar um papel positivo na educação do público e na promoção de soluções para a crise, mas também pode contribuir para a polarização, desinformação e exploração sensacionalista.

## REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Crise dos refugiados sírios no Líbano**. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acesso em: 10 maio 2024.
- ACNUR. **Global Trends: Forced Displacement in 2021**. Disponível em: <https://www.unhcr.org/publications/global-trends-2021>. Acesso em: 06 junho 2024.
- ACNUR. **Onze anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/>. Acesso em: 10 maio 2024.
- ACNUR. **Relatório global do ACNUR revela deslocamento forçado de 1% da humanidade**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/18/relatorio-global-do-acnur-revela-deslocamento-forcado-de-1-da-humanidade/>. Acesso em: 06 junho 2024.
- AHRENS, Jan Martínez. **Trump lança mísseis contra o Exército sírio em resposta ao ataque químico**. El País Brasil, 07 abr. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/06/internacional/1491506181\\_402836.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/06/internacional/1491506181_402836.html). Acesso em: 13 maio 2024.
- ANDRADE, L. **A cobertura dos repórteres de guerra na Síria durante a Primavera Árabe**. Revista de Estudos Internacionais, 5(1), 22-33, 2014.
- BARNES-DACEY, J. **Western Policy Towards Syria: Ten Years On**. European Council on Foreign Relations, 2018.
- BENNETT, W. Lance. **News: The Politics of Illusion**. 10. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2020.
- BETTS, A.; COLLIER, P. **Refuge: Transforming a Broken Refugee System**. Allen Lane, 2017.
- BRAUN, Helmut Augusto Ramírez. **“A Influência E O Uso Da Mídia Na Guerra Híbrida, O Caso Da Síria.”**, 2019.
- CARAPETO, M. **Refugiados em imagens: Contribuições da Etnografia Visual.**, 2017.
- CASTELLS, M. **Communication Power**. Oxford University Press, 2009.
- CHOULIARAKI, L.; ZABOROWSKI, R. **Mídia e Percepção Pública**. Journal of Communication, 2017.

CICV. **Refugiados sírios**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/pessoas-refugiadas-da-siria>. Acesso em: 10 maio 2024.

CNN BRASIL. **Crise dos refugiados sírios**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apos-11-anos- crise-de-deslocamento-forcado-na-siria-ainda-e-a-maior-do-mundo-diz-acnur/>. Acesso em: 10 maio 2024.

COLLETT, E. **The Paradox of the EU-Turkey Refugee Deal**. Migration Policy Institute, 2016.

COMISSÃO EUROPEIA. **Managing migration: EU-Turkey statement**. 2016. Disponível em: [https://ec.europa.eu/home-affairs/e-library/migration-statistics-and-strategy/eu-turkey-statement\\_en](https://ec.europa.eu/home-affairs/e-library/migration-statistics-and-strategy/eu-turkey-statement_en). Acesso em: 17 jun. 2024.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Pessoas refugiadas da Síria**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/pessoas-refugiadas-da-siria>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Síria: a resposta da UE à crise**. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/syria/>. Acesso em: 13 maio 2024.

DEMICHELLI, M. **A narratividade do jornal The New York Times na cobertura da guerra na Síria: revisitando o estudo sobre a intriga**. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 19, n. 3, p. 76-94, set./dez. 2019. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/12785>

DIODATO, Emidio. (Org.). **Comunicazione e politica internazionale: mutamenti strutturali e nuove strategie**. Rubbettino: Soveria Mannelli (CZ), 2004. p.30.

DUSTMANN, C.; FASANI, F.; SPECIALE, B. **The Effect of Immigration along the Distribution of Wages**. Review of Economic Studies, v. 86, n. 1, p. 205-244, 2017.

ELLUL, Jacques. **Propaganda: The Formation of Men's Attitudes**. New York: Alfred A. Knopf, 1965.

ENTMAN, R. M. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, 1993.

EUAA. **Relatório sobre a cobertura midiática dos refugiados**. Agência da União Europeia para o Asilo. 2023.

FAUS, Joan. **Obama, o Nobel da Paz que não conseguiu acabar com as guerras**. El País Brasil, 08 ago. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/08/internacional/1407462393\\_485529.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/08/internacional/1407462393_485529.html). Acesso em: 13 maio 2024.

GILBOA, Eytan. **Diplomacy and the Modern Media**. Foreign Affairs, v. 65, n. 3, p. 585-597, 1987.

- GILBOA, Eytan. **Global Communication and Foreign Policy**. Journal of Communication, v. 52, n. 4, p. 731-748, 2002.
- GILBOA, Eytan. **Diplomacy in the New Information Environment**. Public Diplomacy Magazine, 2009.
- GILBOA, E. **Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects**. Diplomacy & Statecraft, v. 12, n. 2, p. 1-28, 1987.
- GOODHART, M. **Human Rights and Global Democracy**. Ethics & International Affairs, v. 22, n. 4, p. 395-420, 2008.
- HAJJAR, L. **Cobertura Midiática da Guerra na Síria**. 2016.
- HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. **Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media**. Pantheon Books, 2003.
- HOPF, Ted. **The Promise of Constructivism in International Relations Theory**. International Security, v. 23, n. 1, p. 171-200, 1998.
- Human Rights Watch. **World Report 2016: Relatório Mundial 2016: Síria**. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2016/country-chapters/syria>. Acesso em: 06 junho 2024.
- Human Rights Watch. **World Report 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2021>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- HUYSMANS, J. **The Politics of Insecurity: Fear, Migration and Asylum in the EU**. Routledge, 2006.
- IEMed. **As implicações geopolíticas da crise dos refugiados sírios**. 2022.
- Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais - IPPRI - Câmpus de São Paulo. Disponível em: <https://www.ippri.unesp.br/#!/noticia/470/acordo-entre-ue-e-turquia-expoe-seguranca-de-refugiados/> Acesso em: 13 maio 2024.
- Jervis, R.. **The Logic of Images in International Relations**. Princeton University Press, 1970.
- KEARNEY, Michael. **Framing and the Role of the Media: Analyzing Media Coverage of the Syrian Refugee Crisis**. Media and Communication, v. 7, n. 2, p. 62-75, 2019.
- KIRIŞCI, K. **Turkey's Refugee Challenge: Tiptoeing Towards Integration**. Brookings Institution, 2019.
- Krasner, S. D... **International Regimes**. Cornell University Press.1983
- LUND, A. **From Cold War to Civil War: 75 Years of Russian-Syrian Relations**. Swedish Institute of International Affairs, 2019.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação política: mídia e política na Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Ática, 2002.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**. Editora Unesp, 2002.

McNulty, E. J.. **The CNN Effect: The Myth of News, Foreign Policy and Intervention**. Routledge. 2017

MCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. Public Opinion Quarterly, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MILNER, J. **Can Global Institutions Work for Refugees?** Forced Migration Review, n. 48, p. 10-12, 2014.

MORGENTHAU, Hans J. **Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace**. 6. ed. New York: McGraw-Hill, 1948.

Nye, J.. **Soft Power: A habilidade de influenciar outros por meio de atratividade e persuasão**. New York: Basic Books, 1990.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES (OBMIGRA). **Relatório Anual 2023**.

Disponível em:

<[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMIGRA\\_2023/Relatório Anual/Relatório Anual 2023.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Relatório Anual/Relatório Anual 2023.pdf)>. Acesso em: 13 maio 2024.

OLIVEIRA, R. S. **A mídia como ator emergente das relações internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas**. 2010.

ONU Brasil (2014). **Após três anos de conflito, Síria lidera ranking mundial de deslocamentos forçados**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/65423-ap%C3%B3s-tr%C3%AAs-anos-de-conflito-s%C3%ADria-lidera-ranking-mundial-de-deslocamentos-for%C3%A7ados>. Acesso em: 06 junho 2024.

ONU Brasil (2017). **Conflito na Síria é pior desastre desde 2ª Guerra Mundial, alerta alto-comissário da ONU para os direitos humanos**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/75990-conflito-na-s%C3%ADria-%C3%A9-pior-desastre-desde-2%C2%AA-guerra-mundial-alerta-alto-comiss%C3%A1rio-da-onu-para>. Acesso em: 06 junho 2024.

PARLAMENTO EUROPEU. **The reform of the Dublin system**. 2017. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/en/article/20180615STO05927/eu-asylum-rules-reform-of-the-dublin-system>. Acesso em: 17 jun. 2024.

Page, B. I., & Shapiro, R. Y... **Effects of Public Opinion on Policy**. American Political Science Review, 77(1), 175-190, 1983.

Pozobon, R. de O., & Garcia, A. D. (2018). **Refugiados sírios e as redes de comunicação social: a manutenção do (macro) acontecimento**. Esferas, 1(11). <https://doi.org/10.31501/esf.v1i11.8283>

RELIEFWEB. **Regional Refugee & Resilience Plan (3RP): Regional Strategic Overview 2021-2022**. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/lebanon/regional-refugee-resilience-plan-3rp-regional-strategic-overview-2021-2022>. Acesso em: 13 maio 2024.

SILVA, Lorena Cristine. **Para além de Aylan Kurdi: a imagem de tantos na fotografia do menino sírio**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2018.

Silva Leite, R... **A guerra na Síria e a crise dos refugiados sírios: uma análise da percepção pública e das políticas adotadas**. Revista de Estudos Internacionais, 6(1), 14-28, 2015.

Soares de Souza, L. (2023). **A crise dos refugiados sírios a partir de 2011: uma análise comparativa das políticas de acolhimento dos refugiados no Brasil e Hungria**. Conexões Internacionais, v.4, n. 1. Recuperado de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/ci/article/view/14934>. Acesso em: 13 maio 2024.

Soares, B... **A intervenção militar e o apoio a grupos rebeldes na Síria**. Revista de Estudos Internacionais, 9(1), 32-45. 2018.

THOMPSON, J. B. **The Media and Modernity: A Social Theory of the Media**. Stanford University Press, 1995.

UNHCR. **Syria emergency**. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/siria/>. Acesso em: 10 maio 2024.

WATCH, Human Rights. **World Report 2015: Syria**. 2015. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2015/country-chapters/syria> . Acesso em: 17 jun. 2024.

WELSH, J. **Humanitarian Intervention and International Relations**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

Yazgan, P., Utku, D. E., & Sirkeci, I... **Syrian Crisis and Migration**. Migration Letters, 12(3), 181-192. 2015.